O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 16 DE MAIO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:691

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A VERDADE HISTORICA. —O MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS. —SUPPLICIO MERECIDO.—NOTICIARIO.—MONUMENTO DE JOSÉ ESTEVÃO. —O REI OSCAR II.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—FOLHETIM, CURSO DE PISCICULTURA PRATICA, *por Fernando de Vilhena*.—SESSÕES PARLAMENTARES.—SECÇÃO LITTERARIA, A PROPRIEDADE E CULTURA DO MINHO, *por Alberto Sampaio*.—PARTE OFFICIAL. —FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA. —TELEGRAMMAS.

AVEIRO

A VERDADE HISTORICA

Terminou a celebre interpellação sobre as obras do porto de Lisboa, e começou na camara dos dignos pares a discussão ácerca do novo regimen dos tabacos. Aquella foi um verdadeiro desastre para a opposição parlamentar. Um engenheiro de minas, que na imprensa tinha avançado proposições insolitas, transplantou para as côrtes a antifona, e aceso em ira, injuriou o sr. ministro das obras publicas, e, o que mais é, injuriou com egual desassombro o que ha de mais distincto na engenheria portugueza! Este procedimento valeu-lhe a correcção mais que fraterna de dois collegas seus, que provaram á saciedade que o representante por Beja nada pescava do assumpto, e que para armar ao effeito abraçava a nuvem por Juno.

Todos os calculos da opposição pecavam pela base, resultando d'aqui cair redondamente o deputado interpellante, pondo em relevo as altas qualidades do ministro, que só havia procedido de conformidade com o parecer dos engenheiros. E se a responsabilidade legal era sua, nem elle a declinou, a responsabilidade moral era da junta consultiva, que tinha sido unanime nas suas resoluções.

Este facto devia bastar para conter as demasias do engenheiro de minas, que devia ser cauteloso em pronunciar-se n'um assumpto em que era leigo. Mas o prurido de fallar não lhe deu azo á reflexão, e d'aqui as incongruencias de um discurso mal cerzido, os inconvenientes de uma argumentação a que escaceava a logica e a que faltava a sciencia.

O ministro podia ter errado, mas a opposição proporcionou-lhe ensejo para elle se justificar de suppostas faltas. E o caso é, que todas as duvidas desappareceram apoz a interpellação, acabando-se com a lenda da diffamação, que não póde já impressionar o publico, visto que a verdade é uma só. Se o sr. Navarro precisasse d'aquelle episodio parlamentar para pôr em evidencia a honestidade do seu caracter, o debate preparou-lh'o de molde para acorrentar a calumnia, que corria ás soltas no campo do desaforo. E não sabemos o que havemos de admirar mais, se o desplante da accusação infundada, ou assente só no despeito e no esconjuro, se a imprensa que o applaudiu, supondo que o côro faccioso supriria a ausencia da convicção e a falta da verdade historica.

O inquerito parlamentar, que não se originava na suspeita, mas sim na conveniencia de operar as cataratas aos que faziam côro com os diffamadores, teve importancia real para aniquilar o plano dos que procuravam elevar-se sobre a ruina do credito dos outros. Ha caracteres *tão obsecados que* se persuadem que arrastando pela vasa das paixões o nome dos adversarios, conseguem deslustral-os, e que feito isto elles, os calumniadores, ficam valendo mais, sendo vistos de mais longe. Não se preocupam com a infamia do feito: Para elles tanto vale o capitolio como a rocha Tarpeia. Ao que aspiram é á celebridade do escandalo. Logrado o intento, satisfeita a ambição, ficam a rever-se nas suas proprias obras, como se fossem benemeritos da humanidade.

Felizmente terminou no sabbado a palestra parlamentar, e agora temos na camara alta a questão dos tabacos. A opposição combate a *regie*. Porque? Porque a proposta não tem o cunho da sua feição partidaria. Porque a pseudo-liberdade que ahi tinhamos opulentava a especulação de meia duzia de individuos, sem vantagem do consumidor e com prejuizo do manipulador e do revendedor. E porque o estado perdia grossos interesses, sendo sacrificado á intemperança do especulador. Por todas estas razões, a opposição regeneradora combate a *régie*.

Se não conhecessemos de perto o assumpto, o que se allega, e o que se sonega seria sufficiente para votarmos pelo monopolio do estado, contra a falsa liberdade, que só permittia o fabrico em Lisboa, Porto, Belem e Villa Nova de Gaya. As outras terras do paiz ficavam na Hotentocia, ou na Patagonia!

Pois se era liberdade devia abrangêr todas as povoações do nosso territorio. E logo que o privilegio era só para quatro, abaixo com a excepção, que se tornava cada vez mais odiosa.

E no fim o thesouro perdia grossas quantias, que iam fertilisar as especulações d'um ou outro argentario. E por isso a opposição clama contra a *régie*, que não favorece as emprezas dos seus correligionarios e amigos!

O MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Se a estatura dos homens publicos d'este paiz se atere pela intensidade da lucta, que contra elles accendeu o egoismo e a ambição dos adversarios, o vulto proeminente de Emygdio Navarro destaca-se n'esta conjunctura entre todos os espiritos fortes, que uma campanha implacavel procurou abater e humilhar, e que sahiram triumphantes d'esse prelio incruento, serenos como os martyres da fé, puros como a encarnação da probidade, fortes como a consciencia de um justo. Estranho exemplo do que é do que vale a honra de um homem, perseguido pela senha feroz dos canibaes da dignidade, assediado pelo rancôr da inveja e do facciosismo, ferido pelo punhal covarde dos que julgam das virtudes alheias pela craveira dos proprios vicios.

A questão do porto de Lisboa, que a imprensa da opposição levantou nos seus orgãos officiaes, assignalou entre nós um periodo caracteristico, duplamente notavel pela audacia da accusação e pelo encarniçamento do ataque. Empenharam-se n'ella todas as forças vivas de um partido decrepito, que vasculhava no lodo da calumnia os elementos da propria conservação. Em quanto o ministro emprehendedor empregava todas as forças da sua prodigiosa actividade intellectual no desenvolvimento e prosperidade do seu paiz, os ambiciosos e os ingratos embebiam no fel de todas as torpezas o punhal da difamação, para derribarem com elle o gigante do trabalho, que os deixára na sombra, envoltos na obscuridade de que nunca poderão sahir, elles, os nullos e insignificantes.

A honra do ministro andava nas mãos da frandulagem, esfarrapada pelas esquinas, enlameada pelo vomito de todos os ébrios da paixão sanguinaria, e não raro pela vaza que uns mercenarios alugam, de vez em quando, a quem precisa de lançar aos tremedaes muitas reputações inconcussas. Desenvolveu-se entre os pequenos e os invejosos a febre da accusação, por duas fórmas distinctas: rancorosa e assalariada. Na primeira entraram todos os paladinos e cavalleiros andantes, que entendem que podem escalar o Capitolio com as investidas de leão. A segunda foi especialmente incumbida aos que fazem da penna um instrumento de especulação odiosa.

A politica tomou então entre nós uma feição original. Adoptou o figurino francez, systema aperfeiçoado no genero da calumnia infame. Importou-se a *chantage*, os *pots-de-vins* e toda a moderna phraseologia dos alcouces da honra, que enxameiam e pullulam pelas encruzilhadas lobregas do Pariz mundano. Chamou-se Caffarel ao ministro, que havia feito o assombroso milagre de realisar a obra mais collossal e mais grandiosa de quantas se têm emprehendido no paiz. Disse-se tudo. Desceu-se a tudo. A' injuria pessoal, ao doesto desbragado, á retaliação infame, á grosseria, á obscenidade, a tudo!

Fizeram de nós um povo de bandidos, governados por foragidos das galés! Passámos lá fóra, no consenso das nações, por uma associação de concussionarios, dirigida por bandoleiros emeritos. E não se lembraram elles, os difamadores, de que o bandoleirismo da honra, que estavam exercendo no *mais degradante grau, era um crime* de leso-patriotismo, porque arrastavam o credito do governo envolto na bandeira da patria. Cegos na explosão dos seus odios, jogavam o nome do paiz na banca miseravel dos seus interesses, como já haviam jogado a tunica do mestre na synagoga dos Cardaes, na consciencia de que commettiam uma grande infamia e assacavam a um caracter immaculado um labeu affrontoso e aviltante. Nem o silencio sagrado do tumulo conteve a furia d'aquelles chacaes humanos. Revolveram com a mão sacrilega o pó das sepulturas e insultaram a memoria de um morto honrado para ferir de morte o coração de um filho. Cevaram assim o seu odio n'aquella angustia enorme, e vieram cá fóra apregoar a vilania com a coragem da mais inaudita perversidade. E tudo isto se fez impunemente, porque os tempos vão de molde a deixar sem correctivo os abusos licenciosos da imprensa, que rasteja a purpura do sacerdocio no lodo das paixões mais impuras.

E o Ministro, affrontado no seu brio e forte na consciencia da sua pureza, resistiu á brutalidade do ataque e á onda subversiva da calumnia. Resistiu, porque a justiça não é uma palavra vã. Tarde ou cedo a verdade apparece em toda a sua brilhante plenitude, deixando a descoberto os que fizeram da honestidade um culto, e confundindo os que fizeram da difamação instrumento dos seus rancores.

A votação de sabbado passado na camara dos deputados, approvando a moção de confiança ao governo por 72 votos contra 14, não foi uma rehabilitação para o Ministro. Não! Rehabilitam-se os que uma vez tiveram sobre si o pezo de uma accusação sincera. Rehabilitam-se os que a opinião publica indigita como auctores de um attentado. Rehabilitam-se os que uma vez foram suppostos réos. Mas o Ministro das Obras Publicas não precisa d'essa rehabilitação, porque não foi accusado pela opinião publica do paiz. Não precisa d'essa rehabilitação, porque não foi sequer supposto réo.

Tristissimo precedente se o criterio nacional tivesse de regular-se nas suas manifsstações pelos ataques brutaes do facciosismo á honra dos seus homens mais illustres e mais benemeritos. Não! o paiz não é essa horda de aventureiros irresponsaveis para quem a honestidade alheia serve de joguete aos interesses mais mesquinhos, nem o energumeno dissolvente e anarchico, que vegeta nos lodaçaes e se entretem em salpicar de lama todas as intenções generosas e todos os esforços da abnegação e do desinteresse. O paiz é a força prodigiosa que premeia os que trabalham e expulsa do templo os vendilhões, que mercadejaram na Antuerpia o seu credito e o seu nome, depois de terem mordido a mão que os levantou da miseria.

E o paiz não aceita a votação da camara dos deputados como uma rehabilitação ao Ministro, porque não precisa rehabilitar-se quem tem sido exemplo de honestidade não vulgar e de honradez brilhantemente assignalada. Seja uma solemne consagração do respeito da camara popular pelas virtudes do homem que operou no ministerio das obras publicas a revolução mais assombrosa dos tempos modernos. Seja uma publica manifestação de reconhecimento pelos serviços prestados ao paiz pelo sr. Emygdio Navarro. Seja a retratação de todos os insultos dirigidos por um partido ao vulto proeminente do Ministro das Obras Publicas. Seja uma lição de lealdade e de cortezia dada aos insignificantes que cuspiram sobre o nome do chefe e dos collegas o insulto infamante e audacioso. Seja! Rehabilitação é que não podemos admittir que fosse, porque nenhuma consciencia honesta admittiu sequer a possibilidade de ser um réo, quem tem direito a ser n'este paiz considerado modelo de actividade, de abnegação e de patriotismo, e exemplo vivo do que póde o talento superior, escudado por um caracter austero e por uma probidade inaccessivel, ainda aos mais desesperados esforços da calumnia e da difamação.

SUPPLICIO MERECIDO

O artigo que em seguida publicamos e que pertence a um dos nossos mais auctorisados collegas da capital, tem merecido as honras d'uma vasta transcripção; e nós, que presamos a verdade e a justiça e que temos o dever de prestar homenagem a estes principios, apressamo-nos a honrar com elle as columnas do *Campeão das Provincias*.

. . . . . .

«Julgada a materia discutida, o sr. Elias Garcia pediu licença para mandar para a mesa a sua moção, que acompanhou de algumas palavras. Disse o sr. Elias Garcia, que a sua moção representava o estado da sua opinião depois do inquerito e do debate, e que só votaria essa, não podendo associar-se a nenhuma outra moção opposicionista. Acrescentou, que a sua moção era tambem assignada pelo sr. Pereira dos Santos, pertencente ao grupo da esquerda dynastica.

Tanto o sr. Elias Garcia como o sr. Pereira dos Santos são engenheiros, *mas a valler. Não são engenheiros* pintados, ou *ronds de cuir*. No seguimento do seu discurso, o sr. Pereira dos Santos por duas vezes declarára, que não se associava por fórma alguma a quaesquer suspeições contra os engenheiros portuguezes. Esta declaração fôra evidentemente provocada pela moção do sr. Pedro Victor, e pelos commentarios com que a desenvolveu, e que foram de enxovalho, tão grosseiro como accintoso, para os engenheiros do ministerio das obras publicas. A apresentação da moção do sr. Elias Garcia, com a assignatura do sr. Pereira dos Santos, e com a declaração terminante de que não votariam outra moção opposicionista, foi o complemento d'este repudio solemne da obra e das palavras do sr. Pedro Victor.

Não era segredo para ninguem, que uma parte importante da opposição se recuzava a votar a moção do sr. Pedro Victor, com os seus famosos calculos e as suas não menos famosas aggressões injuriosas. Nós proprios aqui referimos a noticia, accrescentando, que provavelmente a moção do sr. Pedro Victor seria retirada. Mas o espirito desatinado e irritante, que tem impulsionado e dirigido os principaes lances da campanha opposicionista—com o proveito que se está vendo—não consentiu n'essa retirada prudente. D'isso deu rebatte o discurso do sr. Franco Castello Branco, o qual, em parte, foi destinado a fustigar algumas honradas apreciações do sr. Julio de Vilhena, e a exaltar os merecimentos e mais partes do sr. Pedro Victor, e do seu *monumental* discurso. O pobre do sr. Pedro Victor quasi foi guindado, decerto com grande espanto seu, a candidato á pasta das obras publicas!

Succedeu o que era de esperar. Dois dos grupos opposicionistas, que apesar de autonomos teem acceitado solidariedade em todas as votações hostis ao governo, resolveram rebellar-se abertamente. Irem pelo cabresto, puxados pelo sr. Victor, associando-se aos enxovalhos, tão facciosos como inhabeis e imbecis, da sua moção, pareceu-lhes complacencia de mais. E pela primeira vez romperam aquella solidariedade, para salvaguardarem a sua digninade.

O sr. Fuschini, outro engenheiro a valer, fez declarações identicas ás do sr. Elias Garcia e Pereira dos Santos; e toda a esquerda dynastica e republicana os acompanhou.

Não são menos para notar as abstenções, que houve no grupo regenerador, e o constrangimento manifesto, com que alguns deputados d'este grupo entraram na votação para não fugirem á disciplina partidaria.

O sr. Pedro Victor ficou... triumphante! Não ha memoria d'uma exautoração mais completa. Devemos reconhecer que foi merecida. Talvez lhe não aproveite como lição, mas ha de tel-a durante toda a sua vida politica em cima de si como um correctivo. Creia isso.

A brandura dos nossos costumes tem consentido no nosso paiz grandes liberdades, que nenhum outro paiz consente, porque tambem a dignidade propria e o bom criterio individual modificam na pratica o que essas liberdades podem ter de inconveniente em theoria. O sr. Pedro Victor, chefe de uma repartição no ministerio das obras publicas, usou e abusou d'essa liberdade, aggredindo violentamente o seu ministro, que nunca lhe fizera aggravo, e procurando por todos os modos ferir profundamente o homem, que nunca o offendera. Ainda mais. Sem respeito pela dôr d'esse homem, que um grande desgosto affligia, o sr. Pedro Victor, feito instrumento d'um espirito rancoroso e mau, parecia distilar o seu fel mais amargo para envenenar de proposito essa dôr. E fazia isto contra o seu ministro, que nunca lhe fizera aggravo, e contra um homem, que nunca o offendera.

Proseguindo na mesma campanha, o sr. Pedro Victor encontrou em volta do ministro todo o pessoal superior do ministerio, a que tambem pertence, sem excepção d'um funccionario, e sem distincção de côres politicas. A hora do ministro estava protegida pela honra de tantos homens, que em longa carreira tinham conquistado, pelas excellencias do caracter e pela eminencia dos serviços, os respeitos geraes. O sr. Pedro Victor, accendido sempre no proposito de aggredir o ministro; que nunca lhe fizera aggravo, e de ferir o homem, que nunca o offendera, abaixou-se a apanhar mãos cheias de lama para atirar á cara d'esses engenheiros distinctissimos, e funccionarios de reputação immaculada. O engenheiro Mattos, um dos patriarchas do corpo de engenheria, foi publicamente apresentado como um vil traficante, um ignobil trapaceiro, que acceitára do ministro a incumbencia de affastar dolosamente concorrentes! Os outros não foram mais amavelmente tratados.

O sr. Pedro Victor não reparou n'uma coisa: e era que procedendo assim affirmava a sua incompatibilidade com o pessoal do ministerio das obras publicas. Porque de duas uma: ou esse pessoal é indigno de possuir uma joia de tão fino quilate, como s. exc.ª, e então é o sr. Pedro Victor que, por decoro proprio, deve affastar-se de tal camaradagem, e pedir a sua demissão; ou o sr. Pedro Victor, insultador do pessoal superior do ministerio das obras publicas, é indigno de pertencer ao quadro do ministerio, que tão accintosamente injuriou.

Escolha, se póde. Na camara é que não lhe deixaram a liberdade de escolher. Os grupos republicanos e da esquerda dynastica não tiveram hesitações. E nas abstenções e no constrangimento de muitos dos seus correligionarios achará o complemento da lição, que lhe foi dada.

Foi para chegar a este bello resultado, que o sr. Pedro Victor aggrediu violentamente o seu ministro, que nunca lhe fizera aggravo, procurou ferir de morte um homem que nunca o offendera, e se esforçou por enlamear os engenheiros distinctissimos, que devia acatar como mestres, e respeitar como funccionarios integerrimos do mesmo ministerio, a que pertence.

Para castigo de affrontoso assalto não precisa o sr. ministro das obras publicas de maior desaggravo. Deve dar-se por plenamente satisfeito.»

O supplicio do cavalheiro a quem o artigo se refere é completo. O seu dever é não mais fazer parte d'uma repartição que tão sem fundamento pretendeu enodoar.

E' onde o levaram os odios politicos, as invejas caseiras, os limitados criterios, sr. deputado engenheiro!

O caminho a seguir está-lhe naturalmente indicado. Seguil-o-ha?

Duvida-o muita gente boa.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Tem passado incommodado de saude, com uma bronchite, o nosso collega Firmino Vilhena. Fazemos votos ardentes pelo completo restabelecimento do nosso bom amigo.

— Já está de todo restabelecido, o que muito sinceramente estimamos, o nosso amigo e collega Francisco de Magalhães.

Estada.—Estiveram ha dias n'esta cidade os srs. José dos Santos Seabra, muito digno prior de Cazal Comba, e o sr. dr. Correia, d'alli. Estes cavalheiros vieram aqui tratar negocios que respeitam ao bem da sua freguezia, a cujos interesses muito patriotica e exemplarmente se dedicam.

Receita e despeza.—Recebemos a conta da receita e despeza da recita d'amadores dada no theatro Aveirense em 3 do corrente. Não publicamos o mappa, mas damos a relação, que é nos seguintes termos:

RECEITA	
Camarotes, frisas e bilhetes vendidos em casa do sr. Eduardo Osorio	165$780
Bilheteira	31$240
Sobras do petroleo	850
Total	197$870
DESPEZA	
Conducção de pianos	1$300
Stearina	330
Gratificação aos carpinteiros, etc	860
Ao cabelleireiro	6$100
Madeira	2$240
Panninho	650
Panno crú para scenario	3$490
Aluguer de vasos	760
Tintas e ferragens para a scena	5$350
Cartão para os bilhetes	3$120
Gratificação ao cobrador	600
Illuminação: ensaios e recita	8$500
Carpinteiros e mais empregados	16$600
Aluguer do theatro	11$000
Total	60$900
Saldo	136$970

Segue-se o recibo do actor Antonio M. Gomes, do qual se vê que o producto liquido d'este beneficio lhe fôra adjudicado, como em tempo dissemos.

Os amadores do nosso theatro deram optimo exemplo ao tomarem a iniciativa, representando com o intuito de valerem a uma familia desgraçada. Honra lhes seja.

Atropelamento.—Com esta epigraphe noticiámos, no numero passado, um desastre succedido em Sá, e que, por mal informados, nos sahiu inexacto.

Eis como o caso se passou. Eram 8 da noite e voltava do Senhor das Barrocas, para casa, o carro do sr. dr. Pereira da Cruz, quando de repente se desloca um varal, por ter cahido um parafuso, e vae projectar-se violentamente contra as pernas da egua que tirava o trem: o quadrupede, que é muito fino, assustou-se e largou á desfillada sem que o cocheiro podesse contel-o. Defronte do Quartel do Principe D. Carlos estacionava um grupo de homens e de tal modo estavam entretidos com a conversa que, não dando pela aproximação do carro, apesar do cocheiro vir gritando que fugissem, foram n'um momento colhidos, prostrados e atropelados. O trem voltou-se sobre o cocheiro que podia ser despedaçado se não fosse a coragem e dedicação de dois valentes rapazes, José d'Ascensão Mendes e José Maria da Rocha, que se arremessaram á egua e a muito custo e risco conseguiram sustel-a.

O sr. dr. Pereira da Cruz, logo que teve conhecimento do succedido, correu ao local do desastre, fez dar aos feridos os primeiros soccorros, indo em seguida visital-os e cural-os ás suas proprias casas. Um dos feridos recolheu ao hospital onde ainda está em tractamento; os dois restantes já entraram, felizmente, a occupar-se dos seus misteres, com o que muito folgamos, e bem assim o cocheiro que tambem ficou bastante contuso.

Excesso condemnavel.—Parece que alguns guardas da Ria se teem excedido bastante na applicação de multas por infracção do regulamento. Condemnam por qualquer cousa, ou melhor—mesmo sem motivo para condemnar—e a consequencia d'isso é o desgosto publico e a infracção do regulamento. Chamamos para o facto a attenção dos dignos funccionarios que superintendem no assumpto pois que pódem depositar confiança em quem a não mereça, compromettendo a justiça de quem prefere pagar, sem questão, a importancia da multa, que é para certos casos de 2.000 réis, a ser absolvido em juizo, provando a injustiça d'ella, mas gastando para isso o triplo ou o quadruplo d'aquella somma.

A muita confiança que depositamos na rectidão de tão dignos funccionarios faz-nos crer que, se tem havido abuzos da parte dos guardas, elles não lhes serão mais permittidos.

Attentado.—Consta-nos que na freguezia de Castellões, do concelho de Macieira de Cambra, fôra commettido ha dias mais um crime contra a propriedade do nosso estimavel amigo, o revd. sr. Joaquim Tavares de Oliveira Coutinho, a quem uns malvados cortáram durante a noite 116 vides. E' a malvadez no seu auge!

Importa averiguar quem foram esses vandalos e castigal-os com todo o rigor das leis, para lhes modificar os instinctos selvagens. Quasi porém que podemos affiançar que a politica não é extranha ao facto. Ha no concelho de Cambra uns regeneradores inquietos a quem se attribuem os maus actos que alli se praticam. Pois não fazem bem, porque a auctoridade tem obrigação de não dormir, quando a segurança dos seus administrados corre perigo, como ha muito corre a dos habitantes de Cambra, que não seguem as ideias do grupo regenerador.

Ficamos hoje por aqui, mas promettemos não desamparár o assumpto, que é gravissimo.

Santa Joanna.—Por falta absoluta de espaço, temos de reservar para o proximo numero a descripção da esplendida solemnidade religiosa, que teve logar no domingo n'esta cidade em honra da sua santa padroeira.

Pomposa festividade.—No domingo o templo da Gloria vestirá as mais luzentes galas para festejar o Senhor Jesus, cuja festa annual é, constando de missa solemne a grande instrumental, e sermão, de manhã e de tarde, e a competente procissão, que percorrerá as ruas da freguezia.

O S. João do Rocio.—Uma commissão de rapazes artistas, enthusiastas das gloriosas tradicções do milagroso e popular S. João, do Rocio, que ha annos estava quasi esquecido, promovem este anno os mais ruidosos festejos para a vespera e dia do Santo Precursor, o bemaventurado Baptista. Louvamos a iniciativa d'esses devotos mancebos, e sabemos que a sua ideia tem encontrado decidido appoio na opinião publica, pois era pena deixar perder o prestigio d'uma festa tão antiga em Aveiro, e cuja falta se torna tão sensivel.

Melhoramento importante.—Consta-nos que logo que termine a obra que se anda construindo no Caes do Cojo, começará a do Caes que segue da ponte do Rocio para a praça do Peixe, na linha norte dos armazens que alli se teem construido, e que são já hoje edificações valiosas. D'este modo ficará completa a avenida *Emilio Navarro*, e ter-se-ha effectuado mais um melhoramento importante na cidade.

Hotel de Luzo.—O hotel Serra, de Luzo, está muito melhorado. O que foi sempre o primeiro entre todos, está hoje muito melhor do que foi tanto em aceio como em serviço. Tem magnificos quartos, excellentes sallas, vistas surprehendentes, jardim e cascata na frente da baranda. O serviço é regular e abundantissimo; e os hospedes que alli se acoitam teem, além de um tratamento delicadamente primoroso, a mais plena garantia d'ordem e de segurança, porque os criados são todos escrupulosamente escolhidos, affiançados e garantidos.

Os preços da casa são relativamente commodos. Recommendamol-o.

Engano.—No ultimo n.º do *Jornal da Bairrada* vem uma correspondencia em que alguem se queixa de que a camara d'alli não mobile a repartição de fazenda que está, diz o queixoso, n'um estado lamentavel. A queixa é sem fundamento. A repartição póde estar como diz; mas o que é certo é que a camara nada tem com isso—porque ás municipalidades não impende hoje essa obrigação—a de mobilar as repartições do Estado. Outro é o caminho que o queixoso tem a seguir. O governo que proveja a essa necessidade, que é quem superintende directamente n'essas repartições, e quem interessa na sua decente manutenção.

Epoca balnear.—Aproxima-se o movimento de banhos. As thermas de Luzo abrem-se no dia 1.º de junho proximo.

Effeitos d'um raio.—Uma faisca electrica fulminou em Castello Branco, na tarde de ante-hontem, o sr. Henrique Caldeira, moço de fina educação e de geraes sympathias. Uma forte trovoada que alli rebentou, com tres descargas, produziu aquella desgraça. Uma mulher que estava proxima do fulminado sofreu algumas contuzões. Depois choveu torrencialmente por espaço d'algumas horas.

Que cousa!—Diz um collega nosso de Penafiel que se consorciaram em Fonte Arcada, n'aquelle concelho, o sr. Domingos José Rodrigues, de noventa annos, proprietario em Paço de Souza e a sr.ª Felicidade Barbosa, de 18 annos, do logar de Anno Bom, d'aquella freguezia. E' de pasmar!

Faina agricola.—Continúa por toda a parte a faina agricola. Os sachos occupam actualmente muitos braços, e as sementeiras das terras serodias começaram já e adiantam-se tanto quanto é possivel. Depois irão os campos, onde as agoas tendem a desaparecer. As cavas das vinhas estão muito adiantadas e já por alguns pontos se enxofra. N'este ramo de industria agricola, como em todos os outros, continua tudo bem, graças a Deus—pois que o tempo para tudo corre favoravel.

Abundancia.—Nos ultimos dias da semana anterior houve ahi uma quantidade enorme de pescadas, chegando a comprar-se bons peixes por 100 réis, e quem comprou por duzia tirou-as mais em conta ainda:—a duzia, que são 13, chegou a vender-se por 1:100 reis. Foram bastantes lanchas da Povoa e de Mathosinhos que vieram aqui trazer a fartura que mencionamos.

Parece que o mar está este anno muito abastecido de peixe, e se assim fôr será mais um bem muito para apreciar e para agradecer.

Trabalho no mar.—O mar continua a prestar-se ao trabalho, e em algumas das costas do districto tem já aparecido sardinha graúda muito boa. A que tem vindo ao nosso mercado obteve em principio o preço de 1:800 réis a graúda; depois desceu para 1:100; a petinga está por 200 reis.

Noticias da Bairrada.—Em 16.—Mais uma desgraça! No domingo ultimo, de manhã, ás portas de Anadia entrava um carro carregado d'enxofre, e o conductor, um rapaz de 19 annos, sentado nas saccas. Este, para não ser multado por infracção, saltou do carro abaixo para tomar a dianteira aos bois; porém fêl-o com tamanha infelicidade que resvalando as pedras amontoadas sobre que saltou, cahiu para os bois, que se espantaram, passando-lhe o carro sobre o peito! Morreu pouco depois. Era da Mouta, e entrava este anno no recrutamento militar, dizem.

— A companhia real dos caminhos de ferro do norte e leste, mandou fazer importantes reparações na estação de Mogofores, que, fica muito boa e elegante. Parece que em outras estações se faz o mesmo; o que prova que a companhia não se poupa a despezas para a conservação das obras e bem servir o publico. Bom seria que a de Mogofores fosse elevada a 2.ª classe.

F.

Despachos de justiça.—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel José Cabral Pinto, juiz de direito da comarca da ilha de Santa Maria, transferido, como requereu, para a comarca de Oliveira do Hospital.

Bacharel Antonio José Ferreira Pinto da Cunha, juiz de direito da comarca da ilha das Flores, transferido, como requereu, para a comarca de Villa Nova de Foscoa.

Bacharel Bernardino de Albuquerque Cabral Silva e Amaral, juiz de direito de 3.ª classe no quadro da magistratura judicial sem exercicio, nomeado juiz de direito na comarca de Celorico da Beira.

Bacharel Miguel Maria de Mendonça Balsemão, delegado do procurador regio na comarca de Sinfães, nomeado juiz de direito de 3.ª classe para a comarca da ilha das Flores.

Bacharel Miguel Justino de Araujo Alvares, delegado do procurador regio na comarca de Paredes, nomeado juiz de 3.ª classe para a comarca da ilha do Pico.

Bacharel Adriano Carlos Vaz Pinto, delegado do procurador regio na comarca de Evora, nomeado juiz de direito de 3.ª classe para a comarca da ilha de Santa Maria.

Bacharel Diniz Simões de Carvalho, delegado do procurador regio na comarca de Villa Nova de Foscoa, transferido para a comarca de Sinfães.

João Antonio Dionysio, exonerado, como requereu, do cargo de primeiro substituto do juiz municipal do julgado de Ponte de Sôr, na comarca de Abrantes.

Antonio José Marques Camões, exonerado, como requereu, do cargo de segundo substituto do juiz municipal do julgado de Ponte de Sôr, na comarca de Abrantes.

José da Motta Casqueiro, nomeado para servir por tres annos o cargo de primeiro substituto do juiz municipal do julgado de Aviz, na comarca da Fronteira.

José Pedro da Costa Vieira, exonerado, como requereu, do logar de juiz ordinario do julgado de Ferreira, na comarca de Beja.

Raymundo de Simas e Cunha, exonerado, como requereu, do logar de juiz ordinario do julgado de Santa Cruz da Graciosa, na comarca da ilha Graciosa.

Antonio da Costa Menano, exonerado, como requereu, do cargo de primeiro substituto do juiz ordinario do julgado de Fornos de Algodres.

José Maria Ferreira Lima, exonerado, como requereu, do cargo de segundo substituto do juiz ordinario do julgado de Poiares, na comarca de Penacova.

João José Teixeira, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca da Certã, transferido para identico officio vago na mesma comarca, por obito de Antonio Nunes Ferreira Ribeiro.

José dos Santos Coelho Godinho, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Fronteira, transferido para identico officio, vago na comarca da Certã, pela transferencia de João José Teixeira.

Congresso juridico.—No *Diario do Governo*, foi publicada a seguinte portaria:

«Tendo sido presente a S. M. el-rei que a Associação dos Advogados de Lisboa, pretendendo promover n'esta capital a reunião de um congresso juridico composto de jurisconsultos portuguezes e hespanhoes, e ainda dos americo-latinos, que n'elle queiram tomar parte, comprehendendo magistrados, professores e advogados, assim o expozera ao ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, manifestándo, por essa occasião, o seu desejo de proceder, no tocante a tal assumpto, de accordo com o governo, e solicitando d'este a possivel coadjuvação: manda o mesmo augusto senhor communicar á referida Associação, que sendo como é muito de encarecer o seu proposito, resolvera que pelo mencionado ministerio seja prestado á realisação do similhante projecto qualquer auxilio que lhe venha a ser solicitado e caiba nas suas attribuições, para que o referido congresso possa realisar-se, embora sem caracter official, mas nas condições mais apropriadas ao elevado fim a que se destina, e por fórma digna da cidade em que tem de funccionar.

Paço, em 28 de dezembro de 1887.—*Francisco Antonio da Veiga Beirão.*»

A ladainha da roza.—Do *Jornal de Horticultura Pratica:*

«Agora que estamos no mez em que a roza, obra prima do reino vegetal, flôr favorita da mais bella metade do genero humano, nos patenteia todos os seus encantos, que os seculos não teem podido diminuir; agora que, como diz o sr. H. Bourn, o admirador da *Roza* póde, n'esse novo Eden que se chama um rozal, assentar-se deante da sua flôr favorita, em muda contemplação, e ahi gosar a frescura, o repouso e a paz; admirar as suas soberbas collecções, das quaes a belleza peregrina e a fragrancia suavissima chamam tenues saudades, doces consolações e esperanças agradaveis, não podemos deixar de transcrever com a devida venia, do interessante *Journal des Roses*, a seguinte espirituosa ladainha do rozeirista, firmada pelo sr. S. E. O. O.:

Abbé Bramerel, convertei-nos.
Abel Carriére, instrui-nos.
Alexandre Dumas, recreae-nos.
Alphonse Karr, presidi-nos.
Alsace Lorraine, recordae-nos.
Aurore du Matin, maravilhae-nos.
Beauté de l'Europe, seduzi-nos.
Baronne de Rotschild, interessai-vos por nós.
Belle Lyonnaise, frequentae-nos.
Bernard Palissy, modelae-nos.
Boieldieu, encantae-nos.
Boule de neige, regosijae-nos.
Rouquet de roses, sêde por nós.
Camões, cantae-nos.
Canari (chá), alegrae-nos.
Capitaine Chrysti, defendei-nos.
Capucini Liabaud, ornae-nos.
Cardinal Patrizi, abençoae-nos.
Céline Forestier, soccorrei-nos.
Chaix d'Est Ange, advogae-nos.
Clara Cochet, surprehendei-nos.
Coupe d'Hébée, sociae-nos.
Dr. Antoine Carlés, tomae cuidado de nós.
Empereur du Brésil, decorae-nos.
Floribunda, florescei-nos.
François Arago, os mysterios do céo descobri-nos.
Gloire de Margottin, deslumbrae-nos.
Gloire de Dijon, vivei para nós.
Grace Darling, encantae-nos.
Inermis, conciliae-nos.
Jean Baptiste Guillot, Pére de la France, excedei-vos.
Ketten Fréres, classificae-nos.
La Luue, illuminae-nos.
L'Espérauce, vivei comnosco.
La France, contae comnosco.
Lusiadas, retirai-vos.
Louis Van-Houtte, do seu exemplo sirva-nos nós.
Louis XIV, do seu seculo recordemo-nos nós.
Luciole, brilhae para nós.
Madame de Sevigué, correspondei-vos comnosco.
Madame de Chauvry, unamo-nos nós.
Madame Ferdinaud Jamin, mantende-vos.
Madame Scipião Cochet, ensinae-nos.
Malmaison rose, desabrochae-vos.
Marechal Niel, sustentae-nos.
Marguerite, que sejaes esfolheada esperae vós.
Max Singer, publicae-nos.
Mére de Saint Louis, intercedei por nós.
Merveille de Lyon, arrebatae-nos.
Mignonette, consolae-nos.
Mousseline, enfeitae-nos.
Mystére (chá), revelae-vos.
Panachée d'Orleans, conservae-vos.
Papillon, adejae para nós.
Pâquerette, em cada primavera despertae-nos.
Paul Neyron, velae sobre nós.
Pavillon de Pregny, abrigae-nos.
Perle des Jardins, ficae entre nós.
Pio IX, orae por nós.
Président Grévy, organisae-nos.
Rosa Bonheur, representae-nos.
Reine des Amateurs, reinae sobre nós.
Reine des Fées, despertai-vos.
Reine (la), multiplicae-vos.
Rêve d'or, realisae-vos.
Rose cent feuilles, embalsamae-nos.
Safrano, sem cessar, no inverno, florescei-nos.
Sécrétaire J. Nicolas, fallae-nos.
Soeur des Anges, edificae-nos.
Triomphe de la Beauté. perpetuae-vos.
Triomphe de France, conservae-vos.
Virago, *acalmae-nos.*

Viviand-Morel. com a cultura da Roseira, entretei-nos.

MONUMENTO DE JOSÉ ESTEVÃO

O nosso collega Marques Gomes acaba de enviar ao *Commercio de Portugal* a seguinte carta:

Exmo sr. Director do *Commercio de Portugal:*

Ha dias referindo-se o *Commercio de Portugal* á proxima inauguração da estatua do grande tribuno José Estevão e ao que eu havia escripto sobre a escolha do dia 12 de agosto para essa solemnidade, disse o seguinte:

«Lembramos que esta data recorda tambem o primeiro grande facto da campanha da liberdade, a proclamação do exito da causa liberal na ilha Terceira, em seguida á victoria da Villa da Praia (11 de agosto de 1829), em que José Estevão tomou parte, como soldado do bataihão academico.»

O facto na parte que diz respeito a José Estevão e ao batalhão academico, não é verdadeiro.

José Estevão chegou á ilha Terceira em meados de fevereiro de 1829 com outras praças do batalhão academico a que pertencia, e que então formava a primeira companhia do batalhão de voluntarios da rainha, e que veio a ter alli por quartel a Villa da Praia. Entre os bravos defensores da liberdade portugueza, nem sempre existiu a união que o bem da causa exigia, e a Terceira foi d'isso testemunha. Procurou-se revoltar aquelle corpo contra a junta provisoria, e entre os que conspiravam contavam-se alguns academicos, como eram, Antonio da Costa Paiva (depois barão de Castello de Paiva), e Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa.

A revolta abortou, mas os academicos foram desligados do batalhão de voluntarios da rainha e com a denominação de companhia de artilheiros academicos, mandados guarnecer o districto de S. Pedro dos Biscoitos, um dos oito districtos militares em que foi dividida a ilha. Quando teve logar a acção de Villa da Praia, em 11 d'agosto de 1829, e em que o maior quinhão de gloria coube ao batalhão de voluntarios da rainha, os academicos estavam a algumas leguas de distancia, não podendo por isso tomar parte em tão memoravel feito como aquelle foi.

Freitas e Oliveira (José Estevão, esboço historico) affirma tambem que o grande tribuno não tomou parte na acção de Villa da Praia, mas para que se não voltasse a pagina sem aparecer alguma inexactidão, pois estas alli são aos centos, affirma que elle entrou em todas as acções e combates que se deram nas outras ilhas do archipelago depois d'aquella. Isto tambem não é verdade. José Estevam não fez parte da expedição ás ilhas do Oeste, como se póde vêr da lista publicada por Luna—*Memorias para servirem á historia dos factos de patriotismo e valor, praticados pelo distincto e bravo corpo academico.* A' tomada da ilha de S. Miguel é que foi José Estevam, sendo o combate da Ladeira Velha o seu baptismo de fogo.

Foi portanto em S. Miguel e não na Terceira, que José Estevam, fez as suas primeiras armas. Aqui iniciou elle a sua carreira jornalistica, redegindo com Elias José de Moraes a *Chronica da Terceira.*

De v. ex.ª
collega muito obrigado
Aveiro, 7—5—88.
MARQUES GOMES.

O REI OSCAR II

Está em Lisboa, de visita ao rei de Portugal, o illustrado monarcha que rege os destinos da Suecia e Noruega.

Oscar II é actualmente o herdeiro glorioso das tradições de seu avô, Bernardotte ou Carlos João, o conquistador da Noruega, que pela ascenção ao throno da Suecia em 1818, quatro annos depois da conquista da Noruega, realisou o vasto plano da unificação d'aquelles estados, antecipando para o norte a politica realisada mais tarde na Italia pelo valoroso Victor Manuel.

O illustrado principe que nos dá a honra da sua visita, mantem com mão firme e prudente as tradições da sua raça, e durante os dezaseis annos do seu reinado ainda não esqueceu o mote dos seus maiores: *O amor do meu povo é a minha recompensa.*

A antiga rivalidade entre suecos e norueguezes está extincta, a união de interesses e de aspirações é completa, e á sombra da politica de paz, de progresso e de tolerancia, tão habilmente mantida pelo rei letrado, florescem as industrias e as letras, o commercio e o fomento, podendo aquella federação servir de modelo e de lição aos mais florescentes estados do meio dia.

El-rei D. Luiz pôde, na sua ultima viagem pela Europa, receber na côrte de Oscar (Frederico) com muitos testemunhos de affecto e consideração pelo seu talento e pelo seu caracter, vivas impressões de sympathia e estima pessoal que aquelles povos tributam ao seu monarcha.

Todas as côrtes, onde o nome de Oscar é repetido com applauso, attestam por egual a subida consideração que lhe é devida.

E é por isso que nós registamos aqui, perante o paiz, como um testemunho de apreço e como elevada honra para todos, a visita que o principe sueco-norueguez se dignou fazer a Portugal. A sua muita illustração, a sua prudencia geralmente reconhecida, o seu amor pelo progresso e pelas instituições liberaes, os beneficios que lhe devem os povos a que preside, e tudo isto alliado a uma natural modestia e a um trato affavel e insinuante, explica sufficientemente o prestigio e o bom nome de que goza em toda a parte o antigo duque da Ostrogothia.

Seja, pois, bem vindo á côrte portugueza o neto de Carlos João.

O paiz sauda n'elle um dos mais convictos representantes da liberdade humana e do progresso moral dos povos, e ao mesmo tempo o hospede carinhoso e sympathico do rei de Portugal.

O rei Oscar II (Frederico) tem 59 annos. Nasceu em Stockolmo a 21 de janeiro de 1829 e é filho segundo de Oscar I, fallecido em 1859 e da rainha Josephina.

Filho segundo como el-rei D. Luis, e como este, apaixonado pelo mar, depois de concluir o seu curso de marinha, serviu em varias expedições como cadete e mais tarde como commandante de esquadra.

Nomeado successivamente chefe de brigada da guarda, tenente general e vice-almirante, assignalou a sua intelligente actividade na organisação do exercito e da marinha.

Sendo simples duque da Ostragothia casou em 1857 com a princeza Sophia de Nassau e d'ella teve os seguintes filhos:

Oscar Gustavo Adolpho, duque de Vermeland, nascido a 16 de janeiro de 1858 e casado com a princeza Sophia Maria Victoria, filha do gran-duque de Bade e da gran-duqueza Luiza, da casa da Prussia.

Oscar Carlos Augusto, duque de Gathia, nascido em 1859.

Oscar Carlos Guilherme, duque de Westrogothia, nascido em 1861.

Eugenio Napoleão Nicolase, duque de Néricie, nascido no primeiro de agosto de 1865.

Tem como irmãs a princeza Carlota Eugenia Agostinha Amelia Albertina, nascida a 24 de abril de 1830, e a princeza Thereza Amelia Cerolina Josephina Antonietta, duqueza de Saxe, nascida a 21 de dezembro de 1836.

Logo depois da sahida da universidade Upsal, onde cursou com muito aproveitamento as sciencias exactas, emprehendeu uma viagem de instrucção e recreio pela Europa, visitando varias cortes em companhia do grande historiador Carlson, seu preceptor e seu futuro ministro de instrucção.

Quando regressou á Suecia, seu irmão Carlos XV estava gravemente enfermo da doença que o matou em 1872, e então 18 de setembro do mesmo anno o duque de Ostragothia subiu ao throno com o titulo de Oscar II.

Prestou juramento em Stockolmo a 12 de maio de 1873 como rei da Suecia e a 18 de julho do mesmo anno como rei da Noruega, em Drontheim. Logo que tomou as redeas do governo, o rei Oscar tratou com todo o cuidado de reorganisar o exercito, de desenvolver a viação accelarada e de melhorar a instrucção publica, introduzindo no ensino o caracter pratico e especial, que Jules Simon tinha introduzido na França, á semelhança do que de ha muito se praticava na Allemanha.

Em 19 de dezembro de 1872 decretou uma convenção monetaria com a Dinamarca e em maio de 1873 reformou as leis sobre a navegação commercial.

Em setembro de 1873 fez a visita official á Laponia até ao cabo norte.

Em 13 de maio de 1876 introduziu nos usos commerciaes do seu paiz o systema metrico.

Em maio e junho de 1875 visitou as universidades de Berlim e da Prussia e em seguida mandou seu filho mais velho percorrer a Europa meridional e occidental. O joven principe esteve em Paris durante a exposição de 1878, onde a monarchia sueco-noruega occupou um logar muito distincto.

Oscar II é um monarcha muito instruido e amigo das letras. Dedica especiaes cuidados ao desenvolvimento das artes, das letras e das sciencias no seu paiz. Os methodos pedagogicos mais aperfeiçoados são alli recebidos com applauso. E' muito apaixonado pela musica. Como escriptor é muito apreciado.

Escreveu:

Biographia de Carlos XII, traduzida depois para o allemão, cuja 2.ª edição foi publicada em Barlim, em 1875.

Ur wenska minnen, um volume de versos delicadissimos e muito populares nos seus estados. Esta obra foi egualmente vertida para o allemão em 1875.

Traduziu:

O Cid, de Herder; *O Tasso* e o *Fausto*, de Goethe.

Esta ultima traducção valeu-lhe o titulo de membro da *Academia de Sciencias*, de Berlim, em 13 de maio de 1878. Taes são em resumo os apontamentos biographicos do illustrado monarcha, que hoje é nosso hospede.

Ha curiosos pontos de semelhança entre o rei Oscar e o nosso illustrado monarcha.

Ambos subiram ao throno, sendo infantes. Ambos foram officiaes de marinha, com carreira egualmente brilhante. Ambos são apaixonados de musica e amadores de grande merito. E ambos elles são litteratos distinctos e teem os seus regios nomes vinculados a publicações notaveis que attestarão aos vindouros o seu talento, o seu profundo estudo, e os seus vastos conhecimentos.

A recepção do rei Oscar tomou as proporções de um solemne e enthusiastico acontecimento.

O desembarque effectuou-se ás 2 horas da tarde, mas desde manhã que o movimento na cidade foi enorme.

A's 9 e meia principiou o publico a embarcar nos vapores que foram fóra da barra esperar o augusto viajante.

No Aterro era enorme o movimento. Em todas as fabricas e estancias de madeiras armaram-se tribunas. Formigava gente em todas as direções, procurando obter logar d'onde, commodamente, podesse ver passar o prestito real. Um logar n'uma janella ou n'uma das improvisadas tribunas do Aterro era considerado um alto favor. Algumas janellas foram alugadas, e mais caras do que os camarotes em S. Carlos.

A's 8 horas largou a corveta *Affonso de Albuquerque* e ás 10 os mais vapores que vão fóra da barra esperar a divisão suecca.

A bordo da *Affonso de Albuquerque* vão Suas Altezas o Principe D. Carlos e Infante D. Affonso, commando geral da armada e muitos altos dignatarios civis e militares, officiaes que vão ficar ás ordens do rei Oscar, etc., etc. A bordo dos outros vapores, a Associação Commercial, outras corporações e muito povo. As galeotas reaes formavam já armadas e guarnecidas em frente do Terreiro do Paço, para irem a bordo buscar a comitiva real. Em frente da praça de D. Fernando, em Belem, fundeou, em duas linhas toda pavesada e embandeirada, a esquadrilha da Real Associação Naval, composta dos 12 seguinte yachts: *Sirius, Aura, Vega, Orion, Maria, Iréne, Amelia, Perola, Helena, Gavina, Dragão* e *Mina.*

O rei Oscar vem a bordo da fragata *Freja*, um moderno e magnifico vaso de guerra, com 16 boccas de fogo e 300 homens de guarnição. A *Freja* é acompanhada pela *Balder*, outra fragata com 10 canhões e 250 homens de tripulação.

Era meio-dia quando a *Freja*, seguida pela *Balder*, se encontraram em frente a Paço d'Arcos com os numerosos vapores que foram esperar Sua Magestade. A flotilha do club naval estava fundeada perto d'Alges, na ordem porque foi annunciada.

Todos os vapores deram a dianteira á elegante fragata em que vinha Sua Magestade e começaram a seguil-a tomando o lado esquerdo.

Varias bandas de musica, que foram nos vapores, executaram o hymno sueco; em seguida romperam os vivas a Sua Magestade de todos os lados. Sua Magestade, que se conservou sempre no tombadilho admirando a prespectiva de Lisboa, agradecia visivelmente comovido as grandes manifestações de sympathia com que era recebido. A corveta *Affonso de Albuquerque* fechava o brilhante prestito fluvial. A fortaleza de Belem deu as salvas do estylo á passagem do régio hospede, salva que foi correspondida pela *Balder*. A *Freja* e a *Balder* vieram fundear em frente da fabrica do gaz. A primeira pessoa que cumprimentou Sua Magestade, foi o sr. ministro da marinha e logo depois foram para bordo Suas Altezas o Principe D. Carlos e o Infante D. Affonso, acompanhados pelos seus officiaes de serviço. Sua Magestade abraçou os dois principes e momentos depois embarcaram todos na galeota real com direcção ao Terreiro do Paço.

N'essa occasião subiram ás vergas os marinheiros de todos os vasos de guerra que estavam proximos e á passagem da galeota deram as salvas e os vivas do estylo.

Era grande o numero de embarcações que foram esperar o regio viajante. Entre outras, que nos não lembram, as seguintes: a corveta *Affonso d'Albuquerque*, os vapores *Funchal* e *Conductor* fretados pela Associação Commercial de Lisboa.

A bordo do *Conductor* ia a musica da guarda municipal. O vapor *Lusitano*, fretado pela Maçonaria Portugueza e mais o *Caçador*, o *Izaura*, etc.

As ruas do transito apresentavam um brilhante aspecto.

Todas enfeitadas com mastros e bandeiras, e litteralmente cheias de povo. Desde o Terreiro do Paço até á Ajuda, estendiam-se duas enormes e pitorescas alas humanas, alegres, curiosas e dando o tom de verdadeira festa nacional á entrada do nosso regio hospede, que poderá ter tido recepções mais ostentosas em outras partes, mas, com certeza, não mais alegres, mais expansivas, nem mais populares.

As tropas da guarnição formavam alas desde o Terreiro do Paço até ao Aterro. Em todo o transito estavam postadas innumeras girandolas de foguetes, que foram queimados á passagem do prestito.

As janellas cheias de senhoras com toilettes claros, na maior parte, produziam um deslumbrante effeito.

A vista do Tejo, com aquella multidão de embarcações embandeiradas, produzia tambem um aspecto magestoso e deslumbrante.

Era assombrosa a vista do Terreiro do Paço, quando se approximava a hora do desembarque real.

As janellas dos edificios que guarnecem aquella formosa praça, adornadas com bandeiras e galhardetes, estavam cheias de senhoras.

A praça litteralmente apinhada de povo, a custo, contido pela policia para deixar as ruas lateraes livres para o transito. Em torno da praça, formados em linha, os regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4, que deviam fazer a guarda de honra ao nosso regio hospede.

Na lingueta, destacando-se no fundo pittoresco formado pelos variados vestuarios da gente que enchia a praça, o matiz coruscante de penachos, das espadas, das bordaduras de 500 ou 600 fardas civis e militares.

A's duas horas em ponto, atracou ao caes a grande galeota real, ao impulso dos robustos braços dos seus 80 remadores.

A seu bordo vinham o rei Oscar e os seus ajudantes, os nossos principes, que o tinham ido esperar a bordo, bem como o ministro da Suecia, da marinha, e da fazenda, officiaes portuguezes que ficam ás ordens do augusto viajante, ajudantes do Principe e Infante, etc., etc.

Mais duas galeotas com o resto do pessoal official, e muitos escalleres com pessoal superior da marinha, da alfandega e muitos particulares.

Sua Magestade foi recebido no caes pelo sr. presidente do conselho e mais ministros, officiaes móres da casa real, general da divisão e officiaes superiores do exercito e da armada, camara municipal, governador civil, commissarios de policia, administradores dos bairros e mais auctoridades, muitas pessoas da côrte, funccionarios publicos, etc., etc.

Demorou-se no caes cerca de dez minutos, recebendo os cumprimentos das pessoas presentes; seguindo logo a comitiva para os trens, que a deviam conduzir ao paço da Ajuda.

O rei Oscar tem um typo extremamente sympathico.

E' alto, delgado, barba toda e bastante grisalha, physionomia franca, aberta, risonha.

Vestia o uniforme de almirante da armada sueca, trazendo a banda das tres ordens portuguezas.

E' um homem affavel, desembaraçado e sem a menor apparencia de orgulho: um rei popular como o nosso.

Falla correctissimamente o francez, que, entre as muitas linguas que conhece, é aquella de que mais gosta.

Quando saltou no caes das columnas, disse ao sr. presidente do conselho:

« Estou contente, muito contente de vir a Portugal, não só para ver este paiz tão formoso, como para abraçar o rei Luiz, um dos meus melhores amigos e que eu respeito como rei sabio e liberal, e considero como homem pelo seu talento e pelas suas distinctissimas qualidades.

Abria o prestito uma guarda avançada de cavallaria 4.

Os coches da casa real, pela ordem seguinte: nos tres primeiros, os srs. condes de Ficalho, e de Tarouca, Duval Telles e demais pessoal da casa de El-rei, com a comitiva de El-rei da Suecia. Seguia-se o grande e riquissimo coche de gala, chamado da corôa, puchado a quatro parelhas, governadas a tres soltas e um jockey; no assento do fundo, sua alteza o duque de Bragança, dando a direita a Sua Magestade El-rei da Suecia; no da frente, sua alteza o principe D. Affonso.

No ultimo coche, puchado a quatro muares, os sr. duque de Loulé e conde das Alcaçovas. Fechavam o prestito os regimentos de cavallaria 4, lanceiros 2 e infanteria 7.

O encontro do rei Oscar com o nosso rei no Paço foi commovente. Os dois amigos, que se estimam como dois irmãos, abraçaram-se com effusão.

Sua Magestade a Rainha e a Princeza D. Amelia tambem deram ao seu regio hospede as maiores provas de consideração e affecto que se pódem desejar.

Não houve recepção official; e apenas, na mais cordeal intimidade, os nossos monarchas apresentaram ao rei Oscar o pessoal da casa e alguns amigos intimos.

São no pavimento superior, e os mesmos onde esteve a Senhora Infanta D. Antonia, os aposentos que occupa o rei Oscar no Paço da Ajuda. Apenas dois quartos os separam d'aquelles onde esfá o Senhor D. Luiz.

O quarto de cama, vasto e quadrado, é guarnecido com magnificos moveis dourados da mais primorosa talha. Cortinas e reposteiros de velludo carmezim.

Sobre um estrado de fundo vermelho, a cama de bronze dourado, com docel de talha, d'onde pendem riquissimas cortinas de velludo, egual ao dos reposteiros. Entre mil objectos artisticos, destaca-se um toucador *d'honnour* em prata lavrada d'um valor incalculavel:—todas as peças estão assignadas *Germain*. Em seguida a este quarto outro mais pequeno, de *toilette*, com todo o serviço de crystal.

A sala de recepção é forrada com pannos de arraz e tem os magnificos e antigos reposteiros da casa de Bragança, em velludo bordado a ouro com as armas reaes ao centro.

Os moveis são de ebano e porcelana de Saxe representando algumas scenas dos quadros Ténier, notando-se tambem um sophá e poltronas de D. João VI, enormes candelabros de Saxe, um relogio d'esta porcelana e bronze e uma rica secretaria antiga.

N'esta sala vê-se um bello quadro que deve ser em extremo agradavel ao rei Oscar—o retrato de sua avó que foi uma das mais formosas senhoras da Europa.

Tambem ficam ao serviço de Sua Magestade a sala das pratas, onde, em *étagéres* de branco e oiro, se encontram os pratos antigos da casa de Bragança e entre ellas as manuelinas.

Para o jantar de gala no Paço da Ajuda, foram convidadas as seguintes pessoas:

Cardeal Patriarcha e seu secretario, Nuncio de Sua Santidade, os ministros e suas eeposas, os ministros estrangeiros e esposas, mr. de Ezeberg, mrs. Webenau, barão Essen, condes de Mossamedes, D. Luiz de Mascarenhas, presidentes da camara dos pares e deputados, dr. Van d'Oblen, condes de Ficalho, conselheiro Nazareth, presidente da camara municipal, presidente da Associação Commercial, commandante da divisão militar, commandantes dos navios suecos, condes de Tarouca, duque de Loulé, marquez de Thomar, condes de Casal Ribeiro, marqueza do Funchal, Andrade Corvo, viscondes de Valmor, Serpa Pimentel e esposa, Barjona de Freitas, commandante geral da armada, commandante da guarda municipal, D. Francisco de Almeida, duques de Palmella, mr. Inglaten, condes de Valbom, condes das Alcaçovas, conde de Seisal, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, presidente do Tribunal Superior de Guerra e Marinha, conde Rosen, conde de Ribeiro da Silva, Baptista de Andrade, Fernando de Serpa, conde de S. Mamede, vereador de Sua Alteza a Princeza D. Amelia, medico de serviço, ajudantes de campo de Suas Altezas os srs. Infantes, etc.

O vaso de guerra em que veio o Rei Oscar é um bello navio, armado a galera, com 15 ou 16 pés de calado, se não mente a escala da ré, 5 bocas de fogo por banda, uma á proa e outra a ré, e 4 pequenas de convez.

O *Freja* tem 273 pessoas de tripulação, incluindo officialidade e charanga. E' illuminado a luz electrica.

Visitámos este navio rapidamente, e apenas agora podemos dar uma descripção curta e geral, que a escassez de tempo não permitte mais.

A primeira camara, dois camarins e um outro compartimento compunham os aposentos do rei Oscar.

Um dos camarins, acanhado, mas elegante, era a alcova real. Sobre um movel notámos uma photographia representando-o. Ao lado esquerdo via-se a cama coberta com um manto: cama modesta e de grande elasticidade, propria para modificar o balanço do navio no mar.

Em frente da porta d'esse camarim ha uma especie de biombo feito com reposteiros, descerrados então, e que pódem dividir em duas a sala de jantar. A mobilia é em estofos de velludo azul. A sala que antecede a de jantar estava adornada com gosto e simplicidade. A mesma côr azul nas poltronas e aqui e ali mezas pequenas, em que se viam cinzeiros. Tem muita luz que entra a jorros pelas portinholas das duas bocas de fogo da ré, pela meia laranja e vigias lateraes.

Os canhões haviam sido alinhados ás amuradas, para não occuparem grande espaço.

Nada mais encontrámes digno de menção especial: muita simplicidade em tudo. Na camara deparou-se-nos o retrato da princeza D. Amelia.

Vimos de passagem o navio: machinas, sala d'armas, hospital, etc.

O hospital occupa um espaço de 5 metros de comprimento por 3 de largura; mas pareceu-nos não se encontrar em muito recommendaveis condições hygienicas de ar e de luz.

Sua Alteza o Principe D. Carlos vestia o seu uniforme de marinha, e o sr. Infante D. Affonso o de artilheria. Ambos elles traziam a grã cruz de Seraphim da Suecia.

O Rei Oscar trazia a banda das tres ordens portuguezas.

— O Rei Oscar demora-se em Lisboa até quinta-feira proxima.

O fogo de vistas no Aterro será queimado na noite de quarta-feira.

— Suas Altezas o Principe D. Carlos e Infante D. Affonso, embarcaram no caes de Belem para bordo da corveta *Affonso d'Albuquerque*, ás 7 horas da manhã, para irem esperar o Rei Oscar.

COMMISSÃO DISTRICTAL

SESSÃO DE 4 DE MAIO DE 1888

Presidencia do ex.^mo^ sr. Visconde de Valdemouro.

---

16 **Fernando de Vilhena**

CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

superior e musculo obliquo inferior. Estes: musculo recto interior, musculo recto exterior, musculo recto superior, e musculo recto inferior. O systhema nervoso do olho é formado pelo nervo ciliario anterior, nervo ciliario posterior, nervo optico, e ganglio ophtalmico ou ciliar.

O systhema nervoso é constituido pela arteria optica ou ophtalmica, que atravessa a sclerotica; pela veia occular; e pelo vaso que estabelece a communicação entre o olho e a falsa guelra, nas especies de esqueleto osseo, e o olho e a guelra do espiraculo nas especies, cujo esqueleto é cartilaginoso.

O apparelho occular dos peixes é completamente desprovido de palpebras. Na quasi totalidade das especies a pelle estende-se, n'um pequeno prolongamento, até passar deante do olho, *rarefazendo-se* a ponto de dar passagem aos raios luminosos, atravez da sua transparencia.

O globo do olho é formado por um tecido especial, que, em alguns peixes é simplesmente conjunctivo; n'outras conjunctivo, osseo, e cartilaginoso; e n'outras, ainda, conjunctivo e cartilaginoso, e que, seja qual fôr a sua organisação, simples ou composta, tem sempre o nome de *sclerotica*. Este tecido constitue a tunica, que envolve completamente o olho, e é sustentado por duas laminas osseas, intercaladas no mesmo tecido, e que formam a parte posterior, pela passagem do nervo optico. Na constituição do globo, entram ainda a cornea, a choroide, o iris, a retina, o apparelho crystallino, e o corpo vitreo.

A *cornea*, que é, em geral, pouco convexa, manifesta no centro uma notavel diminuição de volume, engrossando, todavia, progressivamente nas circumferencias. E' formada de laminas sobrepostas, uma das quaes—a que está situada na parte interior—apresenta algumas vezes uma côr esverdeada ou amarella, conforme as especies.

A *choroide*, que tapeta interiormente o globo occular, é formada por tres folhas: uma interior, envolvida por cellulas em fórma de exagono, e de côr escura; outra media vascular; outra exterior, composta de facetas tenuissimas, que envolvem todos os pontos profundos, e de numerosas laminas de crystaes, que apresentam um aspecto deslumbrante. A folha interior da choroide, que é tambem conhecida pela designação de *Ruyschianna*, comprehende ainda a camada de *pigmento escuro*, e a camada *chorio-capillar*.

O diaphragma, a que se dá o nome de *iris*, é apenas o producto da reflexão da choroide. A pupilla constitue a sua abertura central. Sobre a sua contractibilidade divergem muito as opiniões dos anatomistas mais insignes. Este orgão tem a fórma de losango em algumas especies; n'outras é oval; e em algumas outras, perfeitamente circular.

A *retina*, que occupa o espaço comprehendido entre a membrana hyaloide e a choroide, é formada por uma membrana nervosa, e sustentada por materias essencialmente conjunctivas, e compõe-se das seguintes partes: membrana de Jacob; camada interior granulosa; camada exterior granulosa; camada intermedia; camada de substancias nervosas escuras; camada de tecidos ganglliares; camada fibrosa; e membrana restrictiva interior.

O *apparelho restrictivo*, occupa, quasi inteiramente a camara anterior do olho, que é um globulo transparente envolvido n'uma capsula finissima com a fórma espheroidal e um volume relativamente grande. Este apparelho compõe-se, de ordinario; do chrystallino propriamente dito; do chrystalloide, constituido por dois seguimentos diaphanos; e do ponto de união do chrystallino.

O *corpo vitreo* occupa no apparelho occular dos peixes um pequeno espaço, e está envolvido pela membrana hyaloide, que apresenta uma transparencia extraordinaria.

O *processus palciformis* dos orgãos da vista é constituido por uma especie de juncção em fórma de fouce, que atravessa o corpo vitreo, passando por um dos *sulcos* da retina e vae ligar-se ás cellulas do chrystallino, por meio de um tuberculo, a que se dá o nome de *Campanula de Haller*. E' n'esta juncção que se acham alojados os nervos e vasos do apparelho occular.

Os peixes são completamente desprovidos de apparelho lacrimal.

Cuvier, apreciando o systhema occular dos vertebrados inferiores, expõe a opinião de que os peixes não pódem receber impressões precisas, claras e perfeitas, dos objectos que passam deante de si. A estructura do olho d'estes animaes, diz Cuvier, a fórma quasi completamente espherica do chrystallino, a immobilidade da pupilla e a difficuldade com que se desloca o seu eixo, não pódem deixar duvidas sobre a imperfeição da vista d'estes animaes. Só muito confusamente poderão reflectir-se as imagens na sua imperfeitissima retina; por consequencia, é pouco provavel que o peixe receba nitida e distinctamente no seu apparelho occular a imagem dos objectos, que o cercam. E' verdade que reconhecem ao longe o perigo que os ameaça, a presa que deve servir-lhes de repasto; mas tambem é certo que as moscas e os peixes artificiaes os enganam perfeitamente, levando-os a morder o anzol, como se fossem beliscos naturaes e verdadeiros.

Nós discordamos absolutamente da opinião de Cuvier, se bem que sejamos os primeiros a respeitar e a venerar a sua experiencia de longos annos, as pujantes manifestações do seu talento, e a sua auctoridade superior e incontestavel. Não podemos, porém, admittir uma theoria, que os factos destroem todos os dias e que, a acceitar-se, tornaria incomprehensivel a existencia dos peixes nos leitos accidentados ou cobertos de rochedos sinuosos. Se o peixe não recebesse no apparelho occular uma impressão clara, perfeita e nitida dos objectos, que por toda a parte o rodeiam, poderia evitar os numerosos inimigos que o ameaçam, atravessar extensões enormes e variadas, occultar-se instantaneamente na cavidade das pedras, nas folhas tufadas das algas, nos leitos irregulares das agoas? Poderiam os pleuronectos descobrir a longas distancias os ovos d'outras especies, que constituem o seu alimento previlegiado? Como poderiam os peixes esperar, occultos na anfractuosidade das rochas, a passagem dos que lhe servem de subsistencia exclusiva?

Evidentemente: a Natureza, que foi avara em excesso, na distribuição dos orgãos que compõem o funccionalismo animal dos peixes, dotou o seu apparelho occular com todas as perfeições inherentes a uma visão clara e nitida.

N'umas carvenas, que existem na ilha de Cuba, vivem umas especies que não têm apparelho occular. O espaço occupado por elle, nos outros peixes, é n'esta familia excepcional prehenchido por uma glandula saliente, de côr escura, sem flexibilidade nem movimentos. Nos Estados Unidos da America do Norte, as grutas de Blammouth dão tambem guarida a uma familia de peixes subterraneos, completamente cegos, que percorrem apenas uma extensão de vinte metros por dia, na epocha em que fazem as suas emigrações. Alimentam-se de larvas, que se enleiam aos filamentos musculosos que têm cravados no dorso, e que se movem em todos os sentidos conforme as necessidades do seu organismo.

CAPITULO XVII

Orgãos do ouvido

A estructura e disposição do apparelho auditivo dos peixes varía muito de especie para especie. Ordinariamente, é constituido pela orelha; pelo labyrintho interior, formado pelo bolbo auditivo; e por tres canaes semi-circulares, occupando sempre o angulo mais affastado do rostrum. Este apparelho está alojado na cavidade do craneo, limitada pelo occipital, pelo mastoideu e pelo rochedo.

O *bolbo auditivo* é um vestibulo membranoso, formado por uma especie de sacco, por onde passa uma parte do nervo acustico, e que quasi sempre contém uma substancia composta de corpusculos calcareos, que desempenham na audição funcções muito importantes. Esta substancia é tambem conhecida pelo nome de *otoconia*. O *sinus medio*, que faz parte do bolbo auditivo, occupa a sua parte superior e recebe directamente os canaes semi-circulares.

Estes canaes apresentam a fórma de um cylindro e estão directa ou indirectamente relacionados com o sinus medio, conforme as especies, por meio das suas extremidades. Os canaes semi-circulares dividem-se em anterior, interior e exterior. Os dois primeiros funccionam verticalmente; os dois ultimos em sentido horisontal.

Entre os Selacios, o apparelho auditivo é tambem composto pelas seguintes partes: orificio do labyrintho cartilaginoso, denominado por Cuvier janella redonda, e janella oval por Breschet; orificio do labyrintho membranoso, ou janella do tubo vestibular; porções interiores e exteriores do tubo vestibular; e canal ascendente, a que Weber chamou sinus auditorius.

O *labyrintho membranoso* é envolvido um cilaginoso, que atravessa as cavidades do craneo.

(Continúa.)

Presentes, o vogal substituto o sr. José Pereira Junior e o secretario Manuel Pereira da Cruz.

O presidente disse que para executar a deliberação tomada pela Junta Geral d'este districto na sua sessão ordinaria de 1 de abril ultimo, sobre a acquisição, por meio de expropriação amigavel, do terreno para construcção do novo edificio districtal, convocára para esta sessão o actual proprietario d'esse terreno, João Rodrigues da Rocha, para elle formular o seu pedido de indemnisação, e bem assim os srs. director das obras publicas d'este districto, Casimiro de Ascenção de Souza Menezes, e o engenheiro chefe da secção das obras hydraulicas, José Maria de Mello Mattos, auctor do projecto d'esse edificio, para darem o seu authorisado voto sobre o valor d'essa indemnisação, os quaes haviam accedido a esse convite, e estavam presentes, e por isso convidava a commissão a deliberar sobre esse assumpto. Convidado o dono do terreno a formular o seu pedido, declarou que não podia consentir na expropriação do terreno e ruinas de que se tractava, sem que se lhe désse de indemnisação, a quantia de 1:500$000 réis, por ser essa a importancia do preço e mais despezas da compra que d'elle fizera ao sr. Visconde d'Almeidinha. O sr. director das obras publicas, depois de feitos os calculos e avaliações, e de colhidas as informações que julgou necessarias, declarou que em seu entender o preço d'essa indemnisação devia ser de 1:400$000 réis, conformando-se com este voto o sr. engenheiro chefe de secção das obras hydraulicas. A commissão declarou ao proprietario do terreno que em vista d'esta authorisada louvação, tambem entendia não dever offerecer mais de 1:400$000 réis por essa indemnisação. E como, depois de alguma discussão, o mesmo proprietario declarou acceitar esta offerta de 1:400$000 réis, dando-se com ella por indemnisado de aquella expropriação, a Commissão executiva tomou por unanimidade a deliberação de adquirir, por meio de expropriação amigavel, e mediante a indemnisação de 1:400$000 réis pagos no acto da celebração da respectiva escriptura, o terreno e ruinas do incendiado palacete que foi do Visconde de Almeidinha, sito no Largo do Terreiro, d'esta cidade. Mais deliberou a commissão que esta transacção amigavel de expropriação se reduzisse a escriptura publica com as formalidades legaes, passando-se ordem de pagamento da quantia estipulada.

Deliberou mais a commissão sollicitar do governo a construcção immediata d'uma ponte sobre o Vouga, ligando a povoação de S. João de Loure com a estrada de Aveiro a Agueda.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 12 de maio

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e 45 m. da tarde.

Presentes 24 dignos pares.

Acta approvada.

O sr. Marquez de Vallada enviou para a mesa uma nota de interpellação sobre quaes foram as providencias tomadas pelo governador civil do Porto relativamente ao desfalque de reis 800$000 encontrado no cofre da policia civil d'aquella cidade.

O mesmo digno par tambem perguntou ao governo se adoptaria medidas de repressão á liberdade da imprensa.

O sr. ministro da fazenda declarou que apoiaria as medidas tendentes a reprimir a diffamação por meio da imprensa, sem comtudo ser contrario á liberdade da imprensa. Disse que tambem interpellará o governo sobre este assumpto.

ORDEM DO DIA

Projecto de lei augmentando os vencimentos dos lentes da escola do exercito e da eccala naval.

O sr. Serpa Pimentel declarou que votava o projecto por justiça relativa, visto já ter havido augmento de ordenado aos professores dependentes do ministerio, mas disse desejar saber qual era o augmento de despeza que o projecto trazia para o Estado.

O sr. Augusto da Cunha disse que esse augmento não excederá 67:700$ reis annuaes.

O projecto foi approvado.

Entrou em discussão o projecto de lei sobre o novo regimen dos tabacos.

O sr. Serpa Pimentel combateu o projecto, dizendo que a *régie* não trará resultados alguns para o Estado.

O sr. ministro da fazenda respondeu-lhe defendendo a *régie*, como regimen mais lucrativo.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 11 de maio

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 82 srs. deputados.

O sr. Silva Cordeiro rectificou a correspondencia publicada no jornal *A Provincia* com respeito ao seu discurso, dizendo que, se alguem queria fazer politica do caminho de ferro do Tamega, a favor de Guimarães, não contasse comsigo.

Os srs. Hintze Ribeiro e ministro das obras publicas trocaram explicações sabre os estragos causados pela tempestade na doka de Ponta Delgada.

O sr. José de Azevedo Castello Branco instou com o sr. ministro das obras publicas para que cumprisse a promessa relativa ao caminho de ferro do valle do Corgo.

O sr. ministro das obras publicas respondeu que ou se faziam todas as linhas em eguaes condições ou nenhumas.

ORDEM DO DIA

Interpellação sobre o porto de Lisboa

O sr. Franco Castello Branco sustentou que o sr. ministro das obras publicas quizera ser unico arbitro no concurso para as obras do porto de Lisboa, e que, tendo declarado que o concurso não seria alternado, acabou por o alternar em beneficio do sr. Hersent.

Apresentou uma moção perguntando se o sr. Hersent é ou não obrigado a fazer as obras complementares entre Alcantara e Porto Franco e se, não as fazendo, terá de indemnisar o Estado.

Terminou censurando o sr. ministro das obras publicas por ter chamado á imprensa a assassina da liberdade.

Sessão de 12 de maio

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 82 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Tavares Crespo dirigiu algumas perguntas ao sr. ministro das obras publicas sobre as obras do porto de S. Martinho, no Rio Torrado.

O referido sr. ministro deu as explicações pedidas, promettendo tomar providencias.

O sr. Augusto Fuschini enviou para a mesa uma nota de interpellação ao sr. ministro da guerra ácerca da interpretação que deve dar-se ao decreto de lei que estatuiu a reforma de engenheria.

O mesmo sr. deputado chamou a attenção do governo para a necessidade da revisão das attribuições dos diversos funccionarios administrativos, e citou as que dizem respeito aos governadores civis, camaras municipaes e policia, relativamente ás medidas de segurança a adoptar nos theatros.

ORDEM DO DIA

Interpellação sobre o porto de Lisboa

O sr. Eduardo José Coelho fez largas considerações em defeza do modo de proceder do sr. ministro das obras publicas. Combateu os argumentos apresentados pelo sr. Franco Castello Branco e tratou de demonstrar que o concurso foi legal.

O sr. Alfredo Mendes da Silva requereu que fosse prorogada a sessão até terminar a discussão.

O sr. Franco Castello Branco disse estranhar que um sr. deputado requeresse a prorogação da sessão, quando era certo que ainda estavam inscriptos para fazerem uso da palavra cinco srs. deputados dos quaes quatro fazem parte de grupos politicos que ainda não entraram d'esta discussão.

A camara approvou a prorogação por 74 votos contra 23.

O sr. João Arroio atacou o procedimento do sr. ministro das obras publicas, demonstrando as irregularidades havidas no concurso. Acabou de fallar ás 7 horas.

O sr. Tavares Crespo requereu que a materia fosse julgada sufficientemente discutida.

O sr. Elias Garcia leu a sua moção de ordem na qual dizia que a lei não foi exactamente cumprida e que não houve regularidade no concurso. Esta moção era tambem assignada pelo sr. Pereira dos Santos.

O sr. Augusto Fuschini, em nome da esquerda dinastica, declarou votar a moção do sr. Elias Garcia.

O sr. Marçal Pacheco disse que tambem se associava á referida moção.

O sr. Antonio Caetano requereu votação nominal sobre a moção de ordem aqresentada pelo sr. Pedro Victor.

O sr. Lopo Vaz declarou, em nome dos seus amigos politicos que votava todas as moções de censura ao governo sem se importar com a sua procedencia.

A moção do sr. Pedro Victor foi regeitada por 91 votos contra 21; não tendo votado nem os deputados da esquerda dinastica nem os republicanos.

Sobre a moção do sr. Eduardo José Coelho tambem houve votação nominal, sendo approvada essa moção por 91 votos contra 14, tendo votado contra os deputados republicanos e esquerdistas.

Todas as demais moções foram julgadas prejudicadas.

A sessão terminou ás 8 horas menos 1 quarto.

SECÇÃO LITTERARIA

A PROPRIEDADE E CULTURA DO MINHO

OS HOMENS

A mencionada em 458 na parte *adhærentem flumini Durio*, refere-se antes a uma transmontana marginal ao Douro, vista a differença da designação.

O chronista, é certo dissera em 456 *Inconventus parte Bracarensis latrocinantium deprœdatio perperatur*. N'este anno foi a grande batalha de Urbedo e não admira que quasi desfeito o regimen suevo pelos wisigodos, houvesse aquella *deprœdatio*, como acontece em casos taes. A nota do accidente indica pelo contrario uma anormalidade, e portanto que tudo estava antes no *convento bracarense* em estado regular.

E de facto, sendo Braga a capital do reino suevo ou de parte d'elle, a actual provincia do Minho, que a cérca, teria aceitado logo o dominio dos invasores, vivendo os galegos d'estes sitios em boas relações com elles, posto haver resistencia nos pontos mais distantes.

Aqui deviam encontrar-se as suas principaes forças por ser a terra limitrophe com a Lusitania, onde faziam continuas correrias, chegando a estender o seu reino ao Cabo da Roca.

O dominio suevo findou em 585, quando Leuwigild, aproveitando-se de uma dissenção, entrou na Galliza, derrotou na Andeca, e encorporou o reino no dos wisigodos, substituindo-se estes no governo aos outros até ao principio do seculo VII, em que uma nova invasão veio confundir tudo outra vez.

E assim imperaram sem interrupção durante tres seculos os suevos e wisigodos, acabando por se fundirem nos antigos habitantes.

No seu dominio findaram as citanias, conservando-se os castros para a defeza, vindo a população misturada viver nas *villas* e *villares*, facto da maior importancia sob o ponto de vista cultural, determinado tanto pelas condições do terreno, como pela convivencia, mistura e adopção dos costumes dos homens do norte. Desde então acabou se para os cultivadores do Minho a vida *more latino*.

Se a influencia ethnica não foi tão forte que se désse uma germanisação completa, não se póde tambem duvidar que boa porção do novo sangue fosse absorvido, e mostre a sua influencia sobre tudo no caracter e desenvolvimento intellectual, se não tambem em certo ponto na conformação dos individuos, como adiante se notará com mais extensão.

O dominio d'estes não parou de golpe; mas continuou na direcção dos negocios, costumes, legislação e formação da população,

Posto que o latim barbarisado com o dialecto popular seja a lingua dos documentos do seculos VIII por diante, tanto dos relativos ás Sés de Lugo e Oviedo, como desde o IX dos referentes á provincia portugalense, as assignaturas das partes contractantes e das testemunhas, nobres ou villans ao norte do Douro, são de hispano suevos ou godos romanisados, o que basta para indicar desde já como d'esses elementos confundidos e misturados, em virtude da nova invasão, se formou a sociedade asturo leoneza, da qual procedeu a nossa do Minho actual.

No meado do seculo VIII começa o periodo asturiano estendendo-se até 1097. O Minho ermo por alguns annos, em consequencia d'essa leva da população, principia a repovoar-se: e que realmente a maior parte da gente fôra levada, não póde haver duvida: sirva d'exemplo o despovoamento de Braga e suas circumvisinhanças.

Rechaçados os estrangeiros além do Douro ou porventura do Vouga, o grande rei tratou logo da recolonisação, necessaria para aproveitar os enormes tratos desertos, e para dispersar essa aglomeração d'homens que a sua politica previdente acumulára em espaço tão restricto, mas podendo de futuro converter-se em grave perigo.

A colonisação seguiu, como era natural, a mesma direcção da reconquista. Lugo, o primeiro territorio vencido, foi tambem o primeiro a restaurar, encarregando Affonso I d'esses trabalhos o bispo Odoario; e d'ahi veio descendo gradualmente.

Possuimos felizmente um documento precioso, comprovativo não só do ermamento, como da repovoação, seguindo na sua marcha a mesma linha do norte a sul. E' a sentença da demanda suscitada, posteriormente no tempo de Affonso V de Leon, entre a gente de Braga e Pedro, bispo de Lugo. (1)

Inquirindo este ácerca das povoações pertencentes á sua diocese, achou que os condes se tinham apoderado violentamente *(fortiore)* do territorio de Braga, tornando-se os seus habitantes *extranei* ao serviço da mesma sé, tendo sido levados para ali pelo bispo Odoario, Froilano e seus successores. Dizia Tardenato «*qualiter pressit Domno Odario Episcopo Civis* (2) *Lucense et Bracarense ne Succo mortuorum et restauravit eas et popalavit eas ex plebe familia servorum suorum.* Tomaram-se testemunhas na localidade: parte concordou na affirmativa de Pedro e de Tardenato, seu advogado: contestaram outras, retorquindo que seus paes tinham vindo de Oviedo na qualidade de *pressorez* (nobres): ao cabo do debate conheceu-se pelos depoimentos testemunhaes, apoiados por escripturas, ser de facto a população de extracção lucense; mas de Lugo ou de Oviedo, sendo provavel que no tempo da demanda a houvesse d'uma e d'outra procedencia, fica demonstrada a proveniencia dos colonisadores. Os nomes no documento mencionados, testemunhas, advogados e confirmantes são hispano godos.

A repovoação parece ter principiado entre 753 e 786, morrendo n'este anno Odoario, quando se empregava n'ella. (3) Colonisação do territorio mas não restauração definitiva da cidade. (4) A população rural, uma vez implantada, persistiu e foi-se desenvolvendo e multiplicando sempre, em despeito da instabilidade dos primeiros tempos.

Desde aquella data os povoados rusticos affluem com rapidez; em 832 Affonso II na doação á sé de Lugo declara—«. . . *prædictas civitates Bracharam et Auriensem cum suis Provinciis et familiis:* (5) a ultima palavra não deixa duvida sobre o augmento da povoação. Em 841 o mesmo rei designa já a nossa região com o nome que ha de conservar no futuro — «. . . *totius Gallœciæ seu* PORTUGALENSI PROVINTLÆ *summum suscipiat Præsulatum*». (6) E nove annos depois (870) já encontramos titulos completos e sobre si de transmissão de propriedades rusticas, nos PORTUGALIÆ MONUMENTA HISTORICA além dos que por incidente se mencionam nos documentos anteriores das duas dioceses do norte.

Essa colonisação official, como diriamos hoje, pois, crê-se, (7) foi ordenada por Affonso I e com certeza fomentada pelos seus successores, já por intermedio dos bispos de Lugo e tambem dos Condes, essa devia naturalmente ser acompanhada pela espontanea dos antigos cultivadores, que fugidos ou emigrados, como se expoz, voltariam ás suas villas, desde que a terra estava livre, juntamente com os outros que o refluxo trazia para baixo de procedencia galaico asturiana.

Esta gente desdobrando-se, dispersou-se por toda a região. A leitura de esses primeiros documentos relativos ás sés de Lugo e Oviedo deixam-nos a impressão geral e indelevel da identidade de raça e costume desde a ponta noroeste até ao Douro. Sente-se que os homens da mesma estirpe, com a mesma lingua e habitos, servindo-se de termos identicos para designarem as pessoas e cousas, pensando e vivendo da mesma maneira, e dirigidos por um impulso uniforme se desprenderam dos estreitos limites asturianos á medida que renascia a paz e a segurança.

Os colonos galegos, asturianos e porventura alguns leonezes, juntos aos aos antigos, pertencendo todos já anteriormente com toda a probabilidade á mesma familia, começaram desde então a cultura, que nunca mais se interromperia. dispersos em vilas e vilares.

Durante este periodo, a colonisação dentro da provincia veio descendo passo a passo dos terrenos mais montanhosos e por isso mais a salvo das incursões para os do sul, mais abertos, até que se estendeu abraçando todo o territorio, n'um termo relativamente curto para essa epoca.

Os casaes d'um vale ou d'uma encosta, separados por bravios ou mattagaes dos que estacionavam n'outro vale ou na vertente opposta do monte visinho, mal defendidos, —quantas vezes por uma torre de madeira!—estavam incluidos nos divernos condados em que se dividia a região. Os condes, governando pelo rei, introduzindo e assentando colonias, ao mesmo tempo que no «fossado» ou na guerra commandavam as suas hostes de lavradores, viviam no meio d'elles, a cada passo rebeis, com esta braveza e semi independencia d'esses tempos rudes, em que o homem frequentemente trocava o arado pela espada ou pela lança.

For entre as pobres villas construidas á pressa levanta-se sempre o campanario tosco da ermida rural, onde o cultivador irá buscar a suprema consolação das almas crentes, quando a sorte das armas lhe fôr adversa ou a natureza com as suas intempéries lhe destruir o grangeio dos campos. Onde apparece a cultura, apparecem tambem logo essas humildes egrejas que serão o nucleo das futuras parochias, d'um mosteiro ou d'um povoado.

Para onde fôr o cultivador vae sempre comsigo o sentimento religioso, seguindo-o e acompanhando-o com a mesma persistencia, como elle se enraiza ao solo. Amando a terra tão fervorosamente como ama a Deus, estes dois sentimentos, confundindo-se no seu espirito, teem sido constantemente, hontem como hoje, o seu unico ideal.

Depois, com a estabilidade do governo e a confiança, proveniente do avançamento da conquista para as regiões do sul, juntamente com a população rural começa a desenhar-se a urbana. Renascem as duas antigas cidades, Porto e Braga, e os burgos perto d'um pequeno mosteiro, quer abrigados por um castello mais forte ou localisados á foz d'um rio crescem lentamente, transformando-se nas novas cidades que representarão mais tarde um papel da maior importancia na economia da provincia.

Encorporada esta na monarchia asturo leoneza, durante tres seculos e meio a sua historia e desenvolvimento são identicos a todo o noroeste da peninsula. Governada por condes e bispos, ora batalhando nos *fossados* ora cultivando os seus campos ou rompendo os incultos, colonisando, edificando casas, egrejas e cidades, assim foi crescendo no meio d'essas duas guerras de cada dia—a correria contra o inimigo e a cultura d'uma terra inicialmente pobre, esta raça pesada, sem qualidades brilhantes, mas forte e tenaz, agarrando-se agora ao chão com a persistencia das plantas invasoras e adquirindo passo a passo o sentimento nacionalista que em breve desabrochará para não mais se extinguir-

A *Provincia portugalense*, que existia já desde quasi o principio do seculo IX, visto ser nomeada em 841, limitava se n'essa época com toda a probablidade no Douro ou porventura no Vouga.

Depois, adiantando-se as conquistas ao meio dia pela facha do litoral, a mesma designação seguia os couquistadores e ia comprehendendo os novos districtos, de modo que por 1095, chegaria ao Mondego e ao Tejo, ou retrocederia ao primeiro rio, conforme a conquista indecisa d'essas terras passava do poder musulmano para os christãos, ou voltava d'estes para aquelles.

Mas n'aquella data governava *com certeza pelo menos nos districtos de Braga* e no Minho portanto, o conde Henrique de Borgonha, dependente de Raymundo que commandava em todo o territorio. Dois annos depois Henrique governa tudo, substituindo-se ao primo.

Postos de lado os acontecimentos quo ultrapassam as nossas fronteiras, e que ficam fôra do estudo presente, o Conde Borgonhez começa com os francos que o acompanhavam, senão um governo independente pelo menos sufficiente distincto, pois d'elle sairá em breve a nação portugueza.

As noticias extremamente escassas do seu governo não permittem avaliar com a extensão necessaria a influencia que os recem chegados tiveram como elemento ethnico.

Conhecem-se todavia duas colonias francas, uma em Guimarães, outra em Caminha. Além d'estas, muitos cavalleiros, padres e soldados d'aquella nação deviam cercal-o, como supõe Herculano. E' de crêr que muitos d'esses se fixariam de preferencia n'esta provincia, já desde ha muito com um governo regular e a salvo de novas irrupções, partindo depois para as *presurias*, com homens d'armas, ou com colonisadores, seguindo o movimento geral da população.

Todavia ha-de-se entender que a sua acção devera ser muito mais e mormente importante na direcção dos negocios, organisação social e disposições dos espiritos.

Influenciada assim a administração do Condado por homens d'aquella nação, tendo já as suas instituições determinadas e reguladas, no principio do seculo XIII (1128) Affonso Henriques, transformando-o em monarchia, veio estabelecer a sua côrte e o seu primeiro governo no centro da provincia, como quem conhecia pellos successos anteriores o valor dos homens que a povoavam, sem o qua e acaso sem esse sentimento nacional seriam baldados os seus esforços.

Foi d'aqui que se lançou effectivamente á conquista do seu novo reino, acompanhado e sustentado por essa nobreza, feita nas campanhas de quatro seculos e pelos soldados peões endurecidos n'ellas, tão fortes na peleja, como na cultura dos seus pobres terrenos granitidos.

Mas quando a nova nação teve pela força das circumstancias de se desenvolver ao sul, em vez de se formar ao norte com a Galiza, segundo o desejavam o Conde Henrique, sua formosa e astuta viuva e no principio o proprio filho, formação naturalmente indicada pela homogeneidade de raça e costumes,—patenteou-se então essa differença, subsistente ainda hoje, entre o povo ao sul do Douro ou do Vouga, sarracenisado pelas colonias extra-europeias recebidas no longo dominio mnsulmano, e o do norte que se conservou hispano suevo ou godo.

E' certo que o sul, com as suas colonias francas e a emigração constante d'aqui, tem recebido sempre desde a fundação da monarchia elementos do norte; assim se tem dellido muita dissimilhança; mas o fundo tornado ahi sarraceno, no sangue e costumes, deixa a claro essa diversidade, resultando d'ella não ser Portugal uma unidade ethnologica do mesmo modo que não representa uma expressão geographica.

Esboçando a traços largos esta longa e obscura historia, tentamos notar com brevidade as differentes moleculas que em cada periodo vieram addicionar-se e sobrepôr-se umas ás outras de modo a formarem a população, que se constituiu definitivamente no fim do seculo XII.

Primeiro ligur, pura ou mesclada, romanisada depois, em seguida recebendo uma infusão de sangue suevo e godo, e com elle instituições e costumes do norte da Europa, conquistada e dominada por um momento pelos arabes, confundida e misturada com os seus irmãos galaico-asturianos desde o meado do seculo VIII por diante e por fim recebendo com o advento do Conde Henrique algum sangue franco e sobretudo a preponderancia d'este na organisação social e disposição moral—no meio de guerras, invasões, convulsões e devastações, assim se produziram os homens que povoam presentemente a região do Minho, raça misturada e procedida pelo cruzamento d'um elemento meridional, ligur romanisado, que devia ser ou mais numeroso ou mais absorvente, com outro do norte, suevo godo franco.

A observação confirma as indicações fornecidas pela historia. De feito, observada a população de perto, é visivel o crusamento de dois typos, que se fundiram reciprocamente, de sorte a haver em quasi todas as familias exemplares differentes, desde o cabello louro claro e a carnação branca, passando por todas as graduações; até ao cabello preto e a carnação morena. Quando os cabellos são pretos, os olhos são frequentemente azulados, quasi sempre pardos ou cinzentos e as feições brancas; a côr trigueira provém em grande parte do trabalho ao ar livre.

Geralmente as crianças teem os cabellos louros, que na idade adulta se tornam escuros. Os primeiros são mais communs nas mulheres e nos homens não raras vezes a barba é loura e o cabello preto. Todavia este ultimo e mormente o castanho escuro é o mais predominante, d'onde parece que o elemento meridional era mai numeroso ou absorveu o outro. Em todo o caso os filhos dos mesmos paes apresentam vulgarmente os dois typos differentes, e a cada passo se vêem irmãos com o seu dissimilhante, do norte e meio dia. O mesmo facto reproduziddo-se em todas as classes, indica que o cruzamento foi geral e todos, pobres ou ricos, teem a mesma progenie ethnographica.

. . . . . .

. . . . . .

Alberto Sampaio.

(1) Argote: *Mem. H. Ec. Ar. B.*, III Doc. VII: Herc.: *Hist. Port.*; III, pag. 290.

(2) Civis, em latim barb. *cidade; Esp. Sagr.* tom. 40, pag. 51.

(3) *Esp. Sag.* tom. 40, pag. 103, 104.

(4) Sujeita ás invasões subsequentes, ora meio reedificada ora tornada a desmantelar, só foi reconstruida definitivamente no tempo de Fernando Magno (1037 1065) ou de seu filho Garcia que herdou a Galiza. *(Esp. Sag.* tom. 15, pag. 178 e seg).

(5) *Esp. Sag.* tom. 40. Apendice 16, pag. 372.

(6) Ob. cit. tom. 40. Apendice 16, pag. 378.

(7) Ob. cit. tom. 40, pag. 104.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 11

Aviso de que, para os candidatos ao logar de official da secretaria do ministerio do reino, as provas praticas deverão effectuar-se no dia dezoito do corrente.

Concessão de differentes mercês honorificas.

Decreto nomeando cavalleiro da ordem de Christo, o sr. José Vieira de Azevedo, fabricante de luvas na rua de Cedofeita, Porto.

Varios despachos judiciaes.

Diario de 12

Convite para as côrtes irem assistir no dia 13 do corrente, ao desembarque do rei Oscar, da Suecia.

Boletim de sanidade maritima declarando limpos da epidemia da febre amarella os portos da provincia de Pernambuco.

Nota do estado da divida fluctuante em 30 de abril de 1888, reis 10.740:592$133.

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, conta do deposito, reis 14.992:179$540.

Companhia nacional dos caminhos de ferro, conta do deposito, reis 407.527$962.

Annuncio de estar aberto concurso pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar de lente de filosofia elementar no collegio militar.

19

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Bracy, que era afeiçoado aos templarios, abria a bôcca para replicar no momento em que o principe João exclamou: «Silencio! cavalleiros! que debates são estes?

— O vencedor, disse Wyvil, espera o bel-prazer de Vossa Graça.

— Meu bel-prazer, respondeu João, é de vêr se algum de vós descobre quem elle seja, seu nome, e qualidade. Que importa que espere até á noute? fez bastante exercicio e não deve ter frio.

— Vossa Graça deve tratar o vencedor com a attenção que elle merece, disse Waldemar Fitzurse; se acaso o fizer esperar até que digamos, o que não podêmos saber, faltará ao que a si mesmo deve. Eu cá, ao menos, não me encarrego de advinhar quem elle seja, salvo se é alguma das boas lanças que seguiram o rei Ricardo á Palestina, e que voltam hoje de lá como verdadeiros cavalleiros errantes.

— Talvez seja o conde de Salisbury, disse Bracy. E' exactamente da mesma estatura.

— Ou antes sir Thomaz Multon, cavalleiro de Gisland, replicou Fitzurse, Salisbury é mais alto.» Multon! acudiu de Bracy; tal não creio, só se perdeu a gordura na Terra-Santa.

— E se fôra o proprio rei! exclamou uma voz sem que se podesse saber quem tinha assim fallado.

— Ricardo Coração-de-Leão? repetiram todos os outros em voz baixa e com um tom timido.

— Tal não permitta Deus! disse o principe João voltando-se involuntariamente, e tornando-se pallido como a morte, e tremendo como se o raio tivéra caido a seus pés. Waldemar, de Bracy, bravos cavalleiros, lembrai-vos das vossas promessas, conservai-vos fielmente ao meu lado.

— Não ha perigo nenhum, diz Fitzurse: já vos esquecestes da estatura gigantesca de vosso irmão? Reconhecei-lo por ventura sob aquella armadura? De Wyvil, Martival, apressai-vos a conduzir o vencedor aos pés do throno, a fim de dissipar um erro que faz mudar de côr o nosso principe. Olhai para elle com mais attenção, continuou, e vereis que lhe faltam pelo menos tres boas polegadas para ter a estatura de Ricardo. O rei tem as espadoas duas vezes mais largas. Nem o cavallo que monta este cavalleiro poderia ter feito uma corrida com Ricardo.»

Dito isto, conduziram os marechaes o cavalleiro desherdado aos degráus do throno. Duvidando ainda não fosse aquelle aventureiro o proprio irmão, que elle tão sensivelmente offendêra; a quem pertendia esbulhar de seus estados, sendo que recebêra d'elle mil provas de amizade e confiança, não podia o principe dissipar o temor, que d'elle se apoderára não obstante as observações de Fitzurse; e em quanto, dirigindo ao desconhecido com embaraço algumas palavras lisongeiras sobre o seu valor, dava ordens para que lhe apresentassem o bello ginete, que fazia o premio do combate, tremia de conhecer na resposta do vencedor a voz viril e firme de Ricardo Coração-deLeão. Mas o cavalleiro desherdado não respondeu uma palalavra aos comprimentos do principe, e contentou-se em saudal-o profundamente.

Dous escudeiros conduziram ao circo o cavallo ricamente ajaezado, o que augmentava pouco o seu valor aos olhos dos que estavam em estado de o apreciar. Pondo uma mão na maça da sella saltou o desconhecido sobre o ginete, sem se servir do estribo, e brandindo a lança deu duas voltas á roda do circo, fazendo-lhe executar todas as evoluções conhecidas na arte da equitação, com a destreza d'um perfeito cavalleiro.

Poder-se-ia attribuir esta manobra á vaidade, e ao desejo de brilhar, dando uma nova prova de sua destreza; mas suppoz-se que o fizera para mostrar aos espectadores o apreço, que fazia do presente que devia á magnificencia do principe, e por isso recebeu outra vez os applauzos unanimes de todos os circumstantes.

Entretanto o obsequioso prior do Jorvalx disse algumas palavras ao ouvido do principe, para lhe lembrar que o vencedor, depois de ter dado provas de coragem, as devia dar de galanteria e bom gosto, escolhendo entre as senhoras que se achavam nas galerias, a que se devia assentar no throno da rainha da belleza e dos amores, e coroar o vencedor do dia seguinte. João fez signal ao cavalleiro, quando este passava por diante d'elle pela segunda vez, e o cavalleiro fazendo virar rapidamente o seu cavallo, e parando no mesmo momento, ficou immobil diante do principe, com a ponta da lança abaixada para a terra. A destreza que mostrou em executar este movimento, e a promptidão com que passou d'um estado de agitação viva á immobilidade de uma estatua equestre, deram logar a novas acclamações.

— Senhor cavalleiro desherdado, lhe disse o principe, visto que este nome é o unico com que desejaes ser conhecido, uma das prerogativas do vosso triumpho é a de escolher dama que, como rainha da belleza e dos amores, deve presidir á festa. Se acaso sois estrangeiro neste pais, e desejais ser ajudado n'esta escolha dir-vos-hei que Alicia, filha do nosso bravo cavalleiro Waldemar Fitzurse, passa na minha côrte por ser a senhora mais distincta por seus encantos, como por sua jerarchia; e designou-lhe ao mesmo tempo o logar que ella occupava em uma galeria vizinha. O que não obstante, accrescentou elle, sois livre de entregar a qualquer senhora, que melhor vos convier esta corôa, que deve ser á manhã o premio do vencedor; aquella que a receber das vossas mãos será reconhecida como rainha da belleza e dos amores. Levantai vossa lança.

Obedeceu o cavalleiro, e o principe poz-lhe no ferro uma corôa de setim bordada com um circulo d'ouro, que imitava as folhas de loureiro, e á roda do qual se elevavam alternativamente corações e pontas de flechas, do mesmo modo como as bagas, e folhas dos morangueiros que ornam uma corôa ducal.

Tinha João diversos motivos para fazer aquelle ellogio á filha de Waldemar, e todos elles nasciam do desleixo, arrogancia, astucia, e baixeza, vicios que abrigava no coração, Em primeiro logar desejava fazer esquecer aos seus cavalleiros a proposição indecente que tinha feito d'eleger uma judia como rainha do torneio, e que tinha querido fazer passar por um gracejo; depois queria reconciliar-se com Waldemar Fitzurse, de quem se arreceiava, e que n'este dia tinha mostrado descontentamento; emfim esperava com aquella prova de distincção captivar o coração da filha, pois que os prazeres licenciosos tinham tanto imperio sobre elle, como uma cega ambição, nascida da ingratidão e da perficia. Mas independentemente de todas estas razões, queria excitar a raiva de Waldemar contra o cavalleiro desherdado, a quem o triumpho ganho n'este dia tinha tornado odioso; pois se o vencedor fizesse outra escolha, como se poderia esperar, era provavel que Fitzurse olharia esta preferencia como um insulto feito a sua filha.

Com effeito o cavalleiro desherdado, montado no seu guapo ginete, fez a passos lentos a volta das galerias, parecendo exercer o direito que tinha de examinar todas as bellezas, que faziam o seu ornato, antes de fixar a escolha d'uma d'ellas. Passou por diante da galeria, em que Alicia ostentava todo o orgulho da belleza e da magnificencia, e não se demorou um só instante.

Era um espectaculo curioso vêr as differentes manobras das bellas, que formavam o objecto d'este exame. Uma córava, outra mostrava-se altiva, qual voltava os olhos para outro lado, e procurava fazer vêr que não tomava nenhum interesse no que se passava, qual se esforçava em conter o riso, e outras sorriam-se na esperança de ganhar novos attractivos. Algumas encobriram os encantos com os seus véus; mas como o manuscripto de Waldour diz que havia mais de dez annos que aquellas senhoras eram o objecto da publica e geral admiração, deve suppôr-se que tendo já tido a sua boa parte nas vaidades d'este mundo, retiravam-se voluntariamente para que as bellezas nascentes podessem triumphar sem encontrar opposição, nem competencia.

Em fim o vencedor parou debaixo da galeria onde estava assentada lady Rowena, e todos os olhos se voltaram no mesmo momento para aquella parte.

E' preciso convir que, se o vencedor tivera podido conhecer os votos, que se tinham feito em seu favor, e que esta circumstancia tivesse influido na sua determinação, a parte das galerias, diante das quaes elle se achava, teria merecido a sua predilecção. Cedric o Saxonio tinha visto com transportes de alegria a quéda do templario, e com mais prazer anda o desastre de seus máus visinhos Cabeça-de-Boi e Malvoisin. Debruçando-se sobre a galeria, tinha incessantemente seguido o vencedor em todas as suas corridas não só com os olhos, mas com o coração e alma. Lady Rovena tinha visto com o mesmo interesse os acontecimentos do dia, se bem que sem parecer prestar muita attenção. O mesmo indolente Athelstane tinha saido um momento da sua apathia habitual para despejar um grande copo de vinho á saude das proezas do cavalleiro desherdado.

O rancho que ficava debaixo d'este na galeria inferior, não mostrou menor interesse no resultado do combate.

— Pai Abraham! exclamou Izaac d'York, vendo o cavalleiro desherdado entrar na liça, é elle, é o mesmo! Vêde, minha filha, vêde que nobre e soberbo, porte tem este gentio! Com quanta destreza governa o seu cavallo! Lá se envia ao templario. . . O bom cavallo da Barbaria, accrescentou elle, que trouxeram de tão longe, não o poupa mais do que se fôra um sendeiro normando: pois a bella armadura que custou tantos sequins a Joseph Parreira, armeiro de Milão, e que devia produzir setenta por cento de proveito, não faz mais caso d'ella do que se tivera achado n'uma estrada!

— E folgaria, meu pai, que elle a aventure a tão grandes perigos?

— Minha filha, disse Izaac com calor, não sabeis o que dizeis. O seu pescoço e os seus membros são d'elle, mas o seu cavallo e armadura pertencem ao. . . Bemaventurado Jacob! que ia eu dizer! Não importa é um bravo moço. Vêde, Rebecca, lá vai combater com o Philisteu. Rogai, minha filha, rogae a Deus que não aconteça alguma desgraça a esse excellente mancobo, nem tão pouco a seu bello cavallo, nem á sua rica armadnra. Deus dos meus pais! ei-lo vencedor! O Philisteu incircumcioso succumbiu debaixo da sua lança, como Og. rei de Basan, e Sihon, rei dos Amonitas, succumbiram ao gladio dos nossos pais,

(Continúa.)

CORREIO DE LISBOA

15 de maio de 1888.

A recepção do rei da Suecia foi um acto imponente. Lisboa esteve em plena festa no domingo e quasi que póde dizer-se que continua ainda, porque é em todos grande o desejo de ser agradavel a El-Rei, que deu a esta visita o melhor dos seus bons desejos. E diga-se a verdade, o rei Oscar deve ir penhoradissimo do modo porque aqui foi recebido. Para explicar-lhe todas as minudencias que se teem dado nas recepções do paço, falta-me tempo, mas diz-se tudo afirmando que não ha aqui exemplo proximo de se haver recebido algum monarcha estrangeiro mais sumptuosa, mais sympathica, mais affectuosamente. O rei Oscar vae encantado das bellezas do nosso paiz e penhoradissimo do modo porque a familia real e o povo portuguez o receberam.

— O ministerio alcançou um extraordinario triumpho, na sessão de sabbado, na camara dos deputados. Encerrou-se a discussão da interpellação do porto de Lisboa que se completou por uma votação numerosa em que o partido progressista mostrou mais uma vez a sua cohesão, a sua harmonia e a profunda confiança que tem nos ministros que o represetam no poder. Foi um bello e glorioso dia de batalha. O intrepido e honrado ministro das obras publicas deve conhecer agora que os seus amigos politicos lhe reconhecem as altas prendas de caracter e os serviços, largos e relevantes, que tem prestado ao seu paiz e ao seu partido como jornalista, como homem de lucta e de trabalho, e como homem de governo. Os deputados da nação congregaram-se, em uma assombrosa maioria, para prestarem ao ministro das obras publicas, seu antigo companheiro de armas, um testemunho claro e merecido de sympathia, de respeito e de justiça. Vê-se que o sr. Emygdio Navarro procura manter-se no poder na mesma altiva postura que elle soube conservar no seio do partido progressista em tempos asperos de desgraça e de infortunio, modificada a forte energia do seu temperamento impressionavel e conservadas todas as qualidades eminentes do seu generoso caracter. Não celebro aqui só o triumpho immenso dos nosso amigos, tambem celebro a derrota espantosa da opposição, derrota esperada e tamanha que deve ter deixado arrependidos de haverem acommettido a lucta aquelles que pensavam que se lhes deparara emfim largo campo para uma peleja gloriosa e para uma victoria certa. As hostes opposicionistas fugiram em debandada. Os amigos do sr. Serpa foram de uma inhabilidade perfeita. Soldados sem commando e sem fortuna, elles viram-se logo debeis para um arremeço valoroso. A esquerda dynastica, melhor dirigida, obedecendo á disciplina, que é a grande força dos partidos, teve melhor e mais correcto porte. Sem faltar á sua bandeira e ao seu programma, a esquerda dynastica evitou os perigos de uma situação escura e anomala, defrontou-se com o governo, que combateu, mas conservou uma linha de distincção perfeita e superior que a separa de aventuras, que pódem entreter de esperanças espiritos infantis, mas que não correspondem a nenhum programma partidario, nem pódem ser processo acceitavel de politica patriotica. Os regeneradores, succumbidos, desnorteados, pávidos, quasi que abandonaram a sala, deixando ao partido progressista todas as glorias do seu triumpho enorme. Foi uma jornada brilhante a de sabbado na camara dos deputados. Eu felecito por ella governo e felecito todos os nossos amigos.

— Nas camaras não tem havido nada importante. Na segunda-feira não houve sessão na electiva em homenagem á chegada do rei da Suecia. E' mais um dia perdido, mas as sessões noturnas, que vão ter logar, compensarão as differenças. Na camara alta discute-se a lei do tabaco, e estão distribuidos os pareceres das commissões sobre o Codigo Commercial e o caminho de ferro de Mormugão.

— Na sexta-feira ultima houve reunião de segunda classe da Academia Real das Sciencias. Apresentou-se um requerimento do socio effectivo sr. José Silvestre Ribeiro, pedindo para passar á cathegoria de socio emerito. O presidente sr. Jayme Moniz, fez rasgado elogio dos relevantes meritos e aos serviços do requerente. Deferiu-se o requerimento, sendo votado socio emerito, por acclamação, o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

— Concluiu-se finalmente o inventario da casa do finado rei o sr. D. Fernando II. Os valores encontrados são os seguintes:

Em Lisboa	
Moveis, no palacio das Necessidades	354:579$270
Moveis, no camarote de S. Carlos	446$800
Prata, ouro e joias	107:344$585
Livros, albuns e cartas	18:675$300
Musicas	669$400
Gravuras, estampas e chapas	13:292$620
Quadros	100:239$900
Semoventes	357$000
Trens e arreios	1:660$500
Bens de raiz, camarote	36:000$000
Bemfeitorias, nas Necessidades	56:700$000
Dinheiro em caixa	22:708$830
Divida activa	17:723$652
Papeis de credito com cotação	222:970$000
Papeis de credito sem cotação	14:385$000
Em Cintra	
Moveis	28:342$430
Livros	184$200
Prata	4:124$002
Quadros	3:446$600
Bens de raiz	377:565$128
Somma total	1.375:415$317
Passivo do casal	28:916$575

A isto sóbe a fortuna deixada pelo sr. D. Fernando II.

— O *Te-Deum* que teve logar no sabbado ao meio-dia na egreja de S. Domingos, mandado celebrar pela municipalidade de Lisboa, pelas melhoras de el-rei, esteve muito concorrido. Assistiu S. M. a rainha, elegantemente vestida com uma *ottomana* côr de pinhão claro, guarnecida com riquissimas rendas e tulle, e corpete de confecções e passamanaria. A princeza D. Amelia, vestia de branco, o principe real D. Carlos e os dois infantes estavam fardados. Do ministerio assistiram o sr. presidente do conselho e ministros da fazenda, justiça e estrangeiros. Na ornamentação da egreja, que estava rica e vistosa, viam-se muitos arbustos e colchas. A' direita do altar-mór estava o patriarcha; e em seguida o throno para as pessoas reaes. Assistiu tambem uma força de 210 bombeiros.

— El-rei tem melhorado muito n'estes ultimos dias, e a continuar assim, como se espera, dentro de pouco estará completamente restabelecido. Espera-o assim a medicina e dezeja-o o paiz inteiro.

— O caixeiro de mercearia, o sr. Augusto Lima Vidal Norberto, d'essa cidade, que ha tempo ahi andava na vida airada, tentou contra a existencia, desfechando dois tiros de rewolver no peito, junto de uma sepultura no cemiterio de S. João. O estado do allucinado rapaz é grave! Consequencias funestas da... libertinagem.

— Promette ser deslumbrante o fogo que ámanhã á noite se queima no Tejo em honra do rei Oscar. O monarcha Sueco tem vizitado o que ha de melhor em Lisboa, sempre acompanhado do principe real e do sr. Infante D. Affonso. A'manhã irá a Cintra.

— As duas camaras votaram hoje felicitações ao governo brazileiro pela extincção da escravatura n'aquelle paiz.

— Na alfandega de Lisboa, foi hoje descoberta uma falsificação de bilhetes de despacho de importação, feita da seguinte fórma. O despachante Salgado substituia, suppõe-se que quando o bilhete vinha da verificação para a contagem, o bilhete verdadeiro por um outro com assignaturas e carimbos falsos. Não posso por emquanto adeantar mais promenores. Assim que se deu pela falsificação foi dada ordem para o despachante não sair da alfandega, mas a esse tempo já elle se tinha evadido.

— O advogado sr. Rodrigues Loureiro, pediu escusa de defensor officioso do aggressor do sr. Pinheiro Chagas, allegando ter declarado diversas vezes opiniões contrarias ás criminosas. Foi nomeado em substituição o sr. dr. Elmano da Cunha.

— São melhores as noticias ácerca do estado de saude do imperador do Brazil, felizmente.

Y.

—

A' ultima hora.—A sessão da camara electiva foi hoje por duas vezes interrompida, sendo causa d'isso, como sempre é, o sr. Arroyo. Este sr. pediu por diversas vezes a palavra sobre o modo de propôr e o facto de não lhe ser concedida levantou grande tumulto, sendo necessario o sr. presidente pôr o chapéu na cabeça e interromper a sessão. Reaberta pouco depois, o sr. João Arroyo pediu novamente a palavra, declarando o sr. presidente que não lh'a concedia. Levantou-se por este motivo novo tumulto, pelo que o sr. presidente encerrou a sessão. Este estado de cousas é verdadeiramente impossivel, e o governo e a maioria terão de providenciar de modo que o mal cesse por uma vez. Em paiz nenhum do mundo se vê uma opposição assim.

Y.

TELEGRAMMAS

Roma, 11.—O jornal *Observatore Romano* diz que o Papa vae dirigir brevemente uma encyclica ao apiscopado brazileiro a respeito da questão da escravatura, e que enviará a rosa de ouro á princeza regente, pelo appoio dado ao imperador, familia imperial, governo e nação. ao movimento em favor da abolição da escravatura.

Dublin, 11.—A reunião dos bispos irlandezes adoptou uma resolução affirmando o seu respeito para com o Papa, julgando todavia dever dirigir-lhe algumas observações. O arcebispo do Dublin declara que o Papa não impedirá o triumpho do movimento irlandez.

Madrid, 11.—Acha-se já fundeada no porto de Barcelona a esquadra austriaca, e espera-se hoje a chegada de dois crusadores russos e um outro navio inglez.

Paris, 15.—O general Boulanger regressou hoje a Paris. Um bando de povo seguiu atraz da sua carruagem, até ao Hotel do Louvre, gritando «Viva Boulanger!»; outros gritavam «Abaixo Boulanger!». Não occorreu nenhum incidente grave.

Paris, 15.—Camara dos deputados—O sr. Conco, bonapartista, apresentou á camara uma emenda á proposta da revisão da Constituição, pedindo um referendum nacional na materia legislativa.

ANNUNCIOS E PUBLICACÕES LITTERARIAS

COMPANHIA GERAL
DE
CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

ESTA Companhia achando-se auctorisada pelo governo de sua magestade a emittir obrigações prediaes do novo typo de 4 e meio por cento, annuncia ao publico, que desde a presente data recebe propostas para emprestimos hypothecarios ao juro de 4 e meio por cento, conforme a tabella de annuidades abaixo publicada.

Tabella de annuidades dos emprestimos hypothecarios calculadas a juro de 4 e meio por cento para a quantia de 100$000 reis, incluindo a amortisação e commissão e para os prazos de 10 a 60 annos.

Annos	Annuidades	Annos	Annuidades	Annos	Annuidades
10	13$328,400	27	7$235,308	44	6$039,458
11	12$425,628	28	7$117,060	45	6$002,252
12	11$676,036	29	7$007,954	46	5$967,154
13	11$044,260	30	6$907,064	47	5$934,026
13	10$505,042	31	6$813,590	48	5$902,732
15	10$039,870	32	6$726,820	49	5$873,158
16	9$634,830	33	6$646,140	50	5$845,188
17	9$279,310	34	6$571,000	51	5$818,722
18	8$965,044	35	6$500,916	52	5$793,668
19	8$685,506	36	6$435,456	53	5$769,936
20	8$435,472	37	6$374,236	54	5$747,448
21	8$210,726	38	6$316,916	55	5$726,128
22	8$007,800	39	6$263,176	56	5$714,878
23	7$823,840	40	6$212,750	57	5$686,722
24	7$656,470	41	6$165,384	58	5$668,512
25	7$503,672	42	6$120,848	59	5$653,220
26	7$363,766	43	6$078,936	60	5$634,796

Lisboa, 7 de maio de 1888.

O vice governador
Lourenço Antonio de Carvalho.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo, faz publico que no dia vinte e oito do corrente, procederá á arrematação de transporte de pão, da estação do caminho de ferro em Aveiro, ao quartel do regimento, por espaço d'um anno, a principiar em 1 de julho do corrente.

Como caução ao cumprimento do respectivo contracto depositará o arrematante na delegação da caixa geral dos depositos á ordem do conselho gerente a quantia de tres mil reis.

As outras condições acham-se patentes na secretaria, todos os dias não santificados das dez horas da manhã á uma da tarde, onde poderão ser examinadas.

O Secretario do Conselho
José Miguel de Carvalho.
Alferes.

DIRECÇÃO
DAS
OBRAS PUBLICAS D'AVEIRO
EMPREITADAS PARCIAES

NO dia 20 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na secretaria da 3.ª secção em Luso, ha-de proceder-se á arrematação do fornecimento de alvenaria, cal e areia, e de empreitadas parciaes de pavimento das estradas n.ºs 35, 35-A e Ramal para a matta do Bussaco.

GRANDE NOVIDADE
GRAVATAS DE BORRACHA

LAVAM-SE como os collarinhos ficando logo promptos a uzarem-se. Preço 240 reis. Para as provincias enviam-se aquem remetter 300 reis em estampilhas ou valles.

142 — Rua Augusta — 148
Lisboa
Oliveira & C.ª—4.º quarteirão—Por baixo do Hotel Duas Nações.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE
AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

MAQUINAS PARA COSER — "SINGER" — PARA FAMILIAS E INDUSTRIALES

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES
A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA
COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

CAFÉ MOIDO ESPECIAL
DE
JOAQUIM GONÇALVES COSTA
SUCCESSOR DE FERREIRA & C.ª
104—RUA NOVA DO CARMO—106
LISBOA

JOAQUIM GONÇALVES COSTA, acaba de estabelecer n'esta cidade, a venda do seu café moido, em pacotes de 250 e 500 grammas, que em Lisboa, Porto, e outras cidades, tem tido uma acceitação extraordinaria.

A especialidade d'este café, não consiste sómente no magnifico paladar que possue, mas tambem na economia que offerece; porque, empregando-se *uma terça parte menos*, que d'outra qualquer qualidade, obtem-se um café forte e saborosissimo.

Tão excellente resultado é devido ao conjunto de cafés de diversas procedencias e das melhores qualidades.

PREÇO

Pacotes de 500 grammas .... 360 reis
Pacotes de 250 grammas .... 180 reis

A' venda, *exclusivamente*, no estabelecimento de

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHOS
33—PRAÇA DO COMMERCIO—35
AVEIRO

PILULAS DE BLANCARD
IODURETO DE FERRO INALTERAVEL
NOVA-YORK — PARIS
Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.
1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. *Blancard*

Pharmacᵉ em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

Manuel Pinheiro Chagas
O Abbade Constantino, 1 volume 700
Manuel B. Branco
El-rei D. Manuel 700
D. Albertina Paraizo
Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888 240
D. Guiomar Torrezão
Almanach das Senhoras, para 1888 ... 240
Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888 200
Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888 200
Almanach Illustrado, por F. Pastor ... 200

SILVIO PELLICO
AS MINHAS PRISÕES
TRADUCÇÃO
DE
CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.ª, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS
AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

UNIVERSO ILLUSTRADO
Semanario de Instrucção e Recreio

EDITORES, CAMPOS & C.ª, LIVREIROS
Rua Ausgta, 88
LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados 5 volumes de quatrocentas dezesseis paginas cuda um. Em publicação do 6.º vol.

RAMALHO ORTIGAO
JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza
1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

FLOR DE MYOSOTES
ROMANCE ORIGINAL
Por Alberto Pimentel

GUIA DO NATURALISTA
Collecionador, preparador e conservador
POR
Eduardo Sequeira

2.ª edição refundida e illustrada com 131 gravuras. Um volume brochado, 500 reis, pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho, editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES
AGUARELLAS
DE
Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malbôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS
DE
Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha
Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

FERRO DE QUEVENNE

E o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela
ACADEMIA de MEDICINA de PARIS.
DESCONFIE-SE
das **IMITAÇÕES** e **FALSIFICAÇÕES** impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants.*"
Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas*.
Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO de QUEVENNE**
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): **8, Rue du Conservatoire, PARIS.**

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS

LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oudese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR
AL IODURETO DE POTASSIO
Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose*, assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*
Em Paris, Casa **J. FERRÉ**, Phᶜᵒ, **102, rue Richelieu**, Sᵒʳ de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phᶜᵃˢ.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dʳ FRANCK
Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*
Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes
Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**.—Depositos em todas as principaes Phᶜᵃˢ.

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do Dʳ FORGET**
Em todas as Pharmacias do Universo
Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne **CHABLE** PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE**
Em todas as boas Pharmacias
Exija-se o endereço ao lado.

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da Comarca de Aveiro e cartorio do escrivão Dias da Silva, vae á praça no dia 3 do proximo mez de junho por 11 horas da manhã, junto á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, e em virtude da deliberação do conselho de familia no inventario a que se procede por obito de Antonio de Jesus, de Ilhavo:

Uma morada de cazas sitas na rua de Camões, da freguezia de Ilhavo, no valor de 220$000 reis, predio pertencente ao mesmo cazal inventariado, indo á praça para pagamento de dividas.

Pelo presente ficam citados todos os credores do cazal para assistirem á arrematação.

Aveiro, 12 de maio de 1888.

O Escrivão interino
Antonio Dias da Silva.
Verifiquei—*Castello Branco.*

INJECÇÃO RAQUIN
DE COPAHIBATO DE SODA
Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.
Exija-se a assignatura de RAQUIN.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, Faubourg Saint-Denis, Pariz,
E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 do junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal do Ribeiro Junior.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO